



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA  
CENTRO DE HUMANIDADE - CAMPUS III  
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM LETRAS**

**KALLINY BEZERRA DE OLIVEIRA**

**DE SANTA CLARA À CECÍLIA MEIRELES:  
PEQUENAS INCURSÕES PELO CAMPO DESERTO E DIVINO PARAÍSO**

**GUARABIRA – PB**

**2019**

KALLINY BEZERRA DE OLIVEIRA

**DE SANTA CLARA À CECÍLIA MEIRELES:  
PEQUENAS INCURSÕES PELO CAMPO DESERTO E DIVINO PARAÍSO**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de graduação em Letras da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito para obtenção do título de Licenciada em Letras.

**Orientadora:** Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Rosângela Neres Araújo da Silva.

GUARABIRA – PB

2019

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

O48d Oliveira, Kalliny Bezerra de.  
De Santa Clara à Cecília Meireles [manuscrito] : pequenas incursões pelo campo deserto e divino paraíso / Kalliny Bezerra de Oliveira. - 2019.  
57 p.  
Digitado.  
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras Português) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Humanidades, 2019.  
"Orientação : Profa. Dra. Rosângela Neres Araújo da Silva, Coordenação do Curso de Letras - CH."  
1. Cecília Meireles. 2. Literatura Brasileira. 3. Lirismo. 4. Religiosidade. 5. Oratório de Santa Clara. I. Título  
21. ed. CDD B869.3

KALLINY BEZERRA DE OLIVEIRA

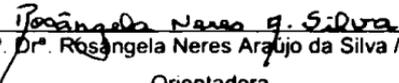
DE SANTA CLARA À CECÍLIA MEIRELES.  
PEQUENAS INCURSÕES PELO CAMPO DESERTO E DIVINO PARAÍSO

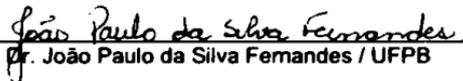
Trabalho de Conclusão de Curso  
apresentado ao Curso de graduação em  
Letras da Universidade Estadual da  
Paraíba, como requisito para obtenção do  
título de Licenciada em Letras

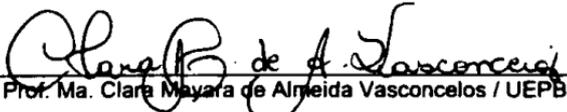
**Orientadora:** Pro<sup>fa</sup>. Dr<sup>a</sup>. Rosângela Neres  
Araújo da Silva

Aprovada em: 11 / 06 / 2019.

**BANCA EXAMINADORA**

  
Prof. Dr<sup>a</sup>. Rosângela Neres Araújo da Silva / UEPB  
Orientadora

  
Prof. Dr. João Paulo da Silva Fernandes / UFPB  
Examinador

  
Prof. Ma. Clara Mayara de Almeida Vasconcelos / UEPB  
Examinadora

Dedico à minha mãe, Maria Bezerra, pelo amor, compreensão e cuidado.

## **AGRADECIMENTOS**

Ao meu Deus, pela oportunidade de realizar um sonho. Por me sustentar, me fazendo continuar sempre em frente, por me conceder sabedoria e perseverança para que eu chegasse até aqui. Por não me deixar desistir quando o desânimo se apoderava de mim.

À minha amada mãe, Maria Bezerra da Costa, pelo amor incondicional, paciência, motivação, compreensão em todos os momentos e pelos aconselhamentos.

A cada membro da minha família, irmãos, tios, primos e sobrinhos por me ajudarem de forma direta ou indireta.

À minha querida orientadora, Prof<sup>a</sup> Rosângela Neres, pela paciência, pelas palavras incentivadoras, pelas leituras sugeridas e pelo conhecimento compartilhado.

Ao meu querido professor, João Paulo, pelas palavras de apoio, pela paciência, pelas aulas tão ricas de conhecimento e poesia.

À professora, Clara Vasconcelos, por compor a minha banca e pela leitura do meu trabalho.

À minha amiga de classe, Leycionne Bezerra, que sempre esteve disposta a me ajudar em minhas dificuldades. Por alegrar minhas tardes, transmitindo sempre energia positiva, conhecimentos e me ensinando a ser persistente e a confiar mais em mim mesma.

À minha amiga, Clarice Dantas, por me ouvir nos momentos de angústia e inquietações, por me aconselhar, ser tão compreensiva e sempre estar transmitindo-me sentimento de compreensão e calma em meio a momentos difíceis.

A todos(as) os(as) professores(as), que fizeram parte desse meu caminho, contribuindo na minha formação profissional com os conhecimentos compartilhados como também na minha formação como ser humano através das experiências partilhadas.

Aos colegas de classe, por compartilharem experiências e conhecimentos nas discussões, debates e trabalhos durante esse tempo, contribuindo no meu processo de formação e aprendizagem.

*“O modo como o poeta diz – e o que diz – ou comunica sua experiência permite um encontro íntimo entre leitor-obra que aguçará as suas emoções e sua sensibilidade.” (PINHEIRO, 2018)*

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO</b>	10
<b>2 NOTÍCIA DE JORNAL: ALGUMAS FACES DE CECÍLIA</b>	12
2.1 Traços do místico na poesia ceciliana	18
2.2 O eu poético e a sensibilidade na produção ceciliana	27
<b>3 “O INSTANTE EXISTE” NO ECO E NA GLÓRIA</b>	31
3.1 Ressoar do lirismo ceciliano	33
3.2 O campo deserto da solidão em Cecília Meireles	38
3.3 Olhar de Cecília sobre o viver de Clara	43
3.4 A luz interior clareia	47
3.5 A glória no divino paraíso	50
<b>4 CONSIDERAÇÕES FINAIS</b>	54
<b>REFERÊNCIAS</b>	56

## RESUMO

Cecília Meireles é uma escritora e poetisa de estética literária do Modernismo. A sua poesia é marcada pelo lirismo através do olhar profundo que revela a si própria em cada poema. Consagrada pelos seus poemas, que possuem uma diversidade de temas como a morte, a efemeridade das coisas, a fugacidade da vida, a celebração do simples, entre outros, sendo assim, o presente trabalho analisa cinco poemas da obra *Pequeno oratório de Santa Clara* (2014), com o intuito de identificar os aspectos lírico-estruturais que coisificam o viés espiritual avivado no período em que a autora participou da revista *Festa*. Utilizamos os pressupostos teóricos: Ávila (2013), Bosi (1987), Candido (2006), Gouvêa (2007) e Fonteles (2010), entre outros que se aproximam da poesia cecilianiana. Nessa perspectiva analítica, notamos que o lirismo e a espiritualidade são marcas importantes na obra e que a autora possibilita um contato com o leitor por meio da sensibilidade.

**Palavras-chave:** Literatura brasileira. Lirismo e religiosidade. Cecília Meireles. Pequeno oratório de Santa Clara.

## ABSTRACT

Cecília Meireles is a writer and poet of the Modernist literary aesthetic. Her poetry is marked by lyrism through the profound view that reveals herself in each poem. Acclaimed by her poems that have a diversity of themes like death, ephemerid of things, life escapism, the simple celebration, among all, thus this present work analyses five poems of *Pequeno oratório de Santa Clara* (2014), with the intend to identify the lyrical-structural aspects that simplify the spiritual field revived in the period in which the author participate in *Festa* magazine. We point out the theoretical studies: Ávila (2013), Bosi (1987), Candido (2006), Gouvêa (2007) e Fonteles (2010), among others who approximate of ceciliana poetry. In this analytical perspective, we noticed that lyrism and spirituality are important constraints in her masterpiece and that the author makes a contact within the reader possible throughout sensibility.

**Keywords:** Brazilian literature. Lyrism and religiosity. Cecília Meireles. Pequeno oratório de Santa Clara.

## 1 INTRODUÇÃO

Cecília Benevides de Carvalho Meireles é uma escritora do movimento modernista da Literatura Brasileira, nascida no Rio de Janeiro no ano de 1901. Participou de um dos grupos do modernismo no ano de 1917, passando 10 anos como editora da revista *Festa*, grupo esse que segue um ideal da tradição católica a partir de traços do Simbolismo.

Desse grupo, faziam parte escritores católicos que defendiam uma linha de produção que retomasse os valores de espírito, mediante uma linguagem reflexiva, pois a corrente possuía uma filosofia direcionada à espiritualidade e também conhecida como Neo-Simbolista, já que buscava resgatar características do simbolismo, por exemplo, dar destaque aos do interior do ser humano, conservação da tradição e do mistério. Houve nesse período várias correntes idealistas e diversos escritores fizeram parte, que também foram integrantes dessa linha de pensamento, além de Cecília Meireles, listamos Jorge de Lima.

Especificamos nossos olhares à Cecília Meireles, poetisa filiada à corrente dita espiritualista, a qual era membro e nos traços que podem ser identificados em seus poemas. Tais características podem ser observadas em suas obras poéticas, devido ao longo período que ficou como integrante da revista, como veremos durante as análises dos poemas do livro *Pequeno oratório de Santa Clara: Eco, Clara, Vida, Luz e Glória*, de Cecília Meireles, livro que contém poemas que descrevem melhor a aproximação da autora com a espiritualidade, enquanto seu eu-poético, voz que fala no poema, bem como buscamos investigar como a humildade é abordada, como valor espiritual, nessa obra.

Sendo assim, na presente pesquisa abordamos, para realização das análises, teóricos como: Ávila (2013), Bosi (1987), Candido (2006), Gouvêa (2007) e Fonteles (2010), entre outros autores com o intuito de fundamentar as características da poética cecilianiana a partir do objeto de estudo o livro *Pequeno oratório de Santa Clara* (2014), bem como a contribuição do grupo de revista devido a influência nas produções da autora.

Dessa forma, percebemos que nas produções de Cecília Meireles, em especial nessa obra, coloca em seus temas sentimentos defendidos pelo catolicismo para vivermos à imagem e semelhança de Jesus, como também ao fazer uma leitura notamos que ela destaca o valor espiritual, aspecto que analisamos, a partir da leitura

e do estudo, mostrando dessa maneira a influência da corrente espiritualista e produção poética. Também chamada a linha de pensamento espiritualista, “neo-simbolista”, por resgatar as vertentes simbolistas do século XIX como, por exemplo, a subjetividade, enquanto se encontrava no período do modernismo que era voltado para a liberdade da cultura e na formalidade de escrita.

Nesse sentido, organizamos o trabalho em quatro capítulos: o primeiro capítulo se constitui pela introdução, em seguida o segundo capítulo aborda os teóricos acerca da literatura, da poesia e do período modernista, dividindo-o em subtópicos são apresentados a respeito da poética de Cecília Meireles e os aspectos que a constrói. No terceiro capítulo apresentamos uma breve análise dos poemas selecionados no objeto de estudo, *Pequeno oratório de Santa Clara*, que está dividido também por subtópicos, no qual são expostas as características presentes em cada um. Posteriormente, discorreremos sobre as considerações finais acerca dos estudos e por último as referências.

## 2 NOTÍCIA DE JORNAL: ALGUMAS FACES DE CECÍLIA

A literatura legitimada pela linguagem escrita tem por finalidade recriar a realidade através de versos ou prosa com base no ponto de vista do autor. Dessa forma, a palavra literatura, do latim *littera*, significa letra; portanto é a partir da letra que se expressa os sentimentos, ideias, fatos históricos e transformações culturais dentro da sociedade e, como toda arte, a literatura procura provocar o leitor no seu lugar habitual, assim possui uma significação imensurável.

Na literatura, além dos gêneros literários e suas formas da ficção, do drama e da poesia, também estão contidos fatos sociais e históricos que fazem referência a lugares, expressão sobre algo, costumes, classe social e tanto podem estar evidente ou como alguns desses elementos ficarem nas entrelinhas para que o leitor reflita. Por meio da literatura, enquanto linguagem e registro, se pode ter a oportunidade de participar de um universo diferente, com o poder de levar os leitores à dimensão do ficcional, bem como a literatura se faz com parte do social. Como afirma Candido<sup>1</sup>:

A literatura é pois um sistema vivo de obras, agindo umas sobre as outras e sobre os leitores; e só vive na medida em que estes a vivem, decifrando-a, aceitando-a, deformando-a. A obra não é produto fixo, unívoco ante qualquer público; nem este é passivo, homogêneo, registrando uniformemente o seu efeito. São dois termos que atuam um sobre o outro, e aos quais se junta o autor, termo inicial desse processo de circulação literária, para configurar a realidade da literatura atuando no tempo. (CANDIDO, 2006, p. 84).

É feita pelo autor uma representação e recriação da sociedade no âmbito literário com o uso da linguagem escrita que tanto provoca o leitor, pois utiliza dos mecanismos da escrita para expressar as ideias, pensamentos e fatos. Além disso, o social também influencia nas produções; dessa forma a literatura concede o direito à expressão, pois a escrita é um direito conquistado por todos e através dela que se faz a literatura. Desse modo a escrita enquanto literatura possibilita construir ideias, indagações, reflexões, soluções, bem como manifestar sentimentos e insatisfações acerca de vários acontecimentos.

---

<sup>1</sup> CANDIDO, Antonio. **Literatura e sociedade**. 9.ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre azul, 2006.

A poesia é uma forma de manifestar, por meio de palavras, tradicionalmente em versos, os sentimentos e vai mais além, pois é ser e fazer com que tudo seja poesia, como afirma Moriconi (2002, p. 9) “Um filme pode ter poesia. Um gesto, como ou excepcional, pode ter poesia. A poesia está no ar. A poesia é popular.”.

Portanto, na poesia modernista não é diferente, ou seja, mesmo com o advento da modernidade o traço poético se firma, procura pela intensidade impregnar nos versos as sensações e sentidos. Como afirma Moriconi:

Para os modernistas, a poesia estava mais no momento que no poema em si, mais na vida que na elaboração codificada de uma arte cansada. O poema era o instrumento para obliquamente captar e com simplicidade revelar a poesia da “vida como ela é”. O poema era um *stop* para focalizar uma intensidade no tempo de um *flash*. (MORICONI, 2002, p. 11).

Assim, na literatura e em cada fase das estéticas literárias encontramos escritores de prosa e de poesia. Um nome que enfatizamos é o da poetisa Cecília Meireles, que fez parte do modernismo, bem como teve uma vasta produção com poesia, ensaios, crônicas, livros infantojuvenis e livro didático. Em Cecília, o eu lírico, em linhas gerais, está mais voltado à solidão, a efemeridade da vida, a fugacidade das coisas, aos valores de espírito do ser humano; de maneira intensa, pois suas obras poéticas têm sonoridade, rimas e que por serem repletas de muito ímpeto, exigem do leitor uma interpretação profunda.

A poetisa Cecília Meireles muito contribuiu para a literatura brasileira com obras que tematizam a morte, o sofrimento e/ou angústia, a solidão, a celebração das coisas simples do cotidiano e dos valores de espírito do ser humano, de dúvidas e da efemeridade da vida. Cecília Meireles conviveu com a dor da perda desde muito cedo, quando ficou órfã de pai e mãe, foi criada pela avó materna Jacintha Benevides, dessa forma, talvez contribuindo para o modo como percebe os sentimentos e traduz em seus poemas, como também o aspecto religioso, pois sua avó sempre foi muito religiosa, em vista disso esse aspecto similarmente é agregado em suas produções poéticas.

Publica mais de vinte livros e inicia sua trajetória na literatura brasileira com o livro *Espectros*, em 1919, que segue os períodos literários, simbolismo ou neo-simbolismo com características ligadas ao religioso e místico. Seguido de *Nunca mais...e poemas dos poemas*, em 1923, e em 1925 publica *Baladas de El-rei*, cujos poemas também possuem um pouco desses aspectos, mesmo estando no período

modernista, no qual rompia com todos os paradigmas anteriores dos parnasianos e simbolistas, como afirma Bosí<sup>2</sup> (1987, p. 375) “Quanto ao termo “modernista”, veio a caracterizar, cada vez mais intensamente, um *código novo*, diferente dos códigos parnasiano e simbolista. “Moderno” inclui também fatores de *mensagem*: motivos, temas, mitos modernos.” no entanto, o parnasianismo e simbolismo eram conservados nessas obras, antes mesmo de Cecília Meireles iniciar a participação no grupo de Revista Festa.

Durante sua vida, ela passou por várias fases na escrita, escreveu também *Viagem* (1939), *Vaga música* (1942), *Mar absoluto e outros poemas* (1945), *Romanceiro da Inconfidência* (1953), *Canções* (1956), *Solombra* (1963), *Antologia Poética* (1963), *Ou isto ou aquilo* (1964), *Trilogia das santas: Pequeno Oratório de Santa Clara, Romance de Santa Cecília e Oratório de Santa Maria Egípcíaca* (1955-1957) entre outros, passando, assim, por diversas fases historiográficas e movimentos literários, apesar de sua ênfase maior se dá no Modernismo, o que não nega diálogos e/ou contribuições com outras estéticas.

Recebeu o prêmio Olavo Bilac pela Academia Brasileira de Letras pelo conjunto das obras. Ainda participou de jornais e revistas como *A manhã* e *O jornal*, escrevendo crônicas e artigos, ainda foi professora de literatura luso-brasileira, também lecionou na universidade do Distrito Federal e ainda na Universidade do Texas, Estados Unidos, em Literatura e cultura brasileira.

Vale ressaltar que suas obras e produções passam pela face do religioso, místico, se direciona para o âmbito da literatura infantojuvenil com *A festa das letras* (1937) e *Ou isto ou aquilo* (1964). Em alguns ensaios e conferências aborda, inclusive, assuntos sobre a educação e o ensino; mais tarde, os ensaios e crônicas foram publicados em periódicos e livros, parte para vertentes culturais como o folclore, em *Notícia da poesia brasileira e Batuque, Samba e Macumba* (1935), desse modo tem uma produção vasta, ainda no mesmo ano que publica *Mar absoluto e outros poemas*, juntamente, publica o livro didático *Rute e Alberto* (1945).

Assim, cada uma dessas obras de Cecília contribui na literatura com o enriquecimento de nossa cultura, com seus estilos de produção e linguagem durante sua trajetória, como também ocorreu no grupo de Revista Festa, no qual ela esteve

---

<sup>2</sup> BOSI, Alfredo. Pré-modernismo e Modernismo. In: \_\_\_\_\_. **História concisa da literatura brasileira**. São Paulo: Cultrix, 1987.

durante 10 anos, de 1917 a 1927 no posto de editora, bem como outros escritores fizeram parte, podemos citar Jorge de Lima, Tasso de Silveira. Devido ao romance *A Festa*, escrito por Tasso de Silveira, que foi dado o nome à revista, fez parte das fases modernistas e que possuía uma linha de pensamento incorporada ao modernismo.

Em vista disso, nesse período houve muitas correntes ideológicas na literatura, umas rompendo com as estéticas anteriores e outras buscando resgatar o que foi perdido. Dentre elas podemos citar a *Dinamista*, ocorreu no Rio de Janeiro, voltada para o futurismo, a velocidade e o movimento. A *Primitivista*, em São Paulo, defendia a nacionalidade, o povo e a terra. A *Desvairista*, por influência de Mário de Andrade, defendia a pesquisa estética e o estabelecimento de uma consciência criadora nacional. A *Espiritualista* no Rio de Janeiro, por sua vez defendia a valorização da tradição cristã através da Revista Festa fazendo resgate das principais características do Simbolismo.

Mediante a isso, por intermédio da revista *Festa*, este tipo de produção, direcionada para os valores espirituais era divulgada naquele período do Modernismo, momento que se punha contrário às correntes, já que se obtinha uma estética totalmente nova sem ligações com o passado. Pois sabemos que o modernismo, nas artes e na literatura, tinha o objetivo de radicalizar, expressando angústias e realidades da sociedade.

A corrente espiritualista, nesse período, foi considerada como neo-simbolista, por estar recriando e retomando o simbolismo. Como afirma Araújo (2010, p. 98) “Os espiritualistas buscavam, via literatura, restaurar os valores morais perdidos na praticidade dos dias modernos, através da valorização do espírito humano.”, sendo assim o modernismo que rompia totalmente com o passado, como diz Chaves (1988, p. 48): “[...] os primeiros tempos do Modernismo se caracterizaram pela profunda recusa de tudo o que fazia parte do passado”.

Portanto, esse grupo, mesmo em tempo contrário, era diferente entre os outros e dessa forma fazia a divulgação da ideia espiritualista, com um neo-simbolismo na poesia que continua ligado ao passado. Segundo Araújo (2010, p. 98) “[...] sem romper completamente com o passado, buscava, através da espiritualidade, compreender a modernidade e indagar sobre o destino do homem”.

O grupo entendia ser necessário não romper com o que passou, mas sim ter ligação com o conhecimento do passado e antigo para fazer uma nova modernidade, pois acreditava que a arte era posta em risco devido o materialismo e cientificismo da

modernidade, segundo Araújo (2010). Torna-se um momento oportuno para repensar e reorganizar o passado, temos assim um grupo com ideias norteadas para essa renovação.

Ainda convém lembrar que, enquanto os participantes do grupo da revista estavam ligados ao espiritual e aos valores da Igreja Católica, os modernistas participantes de outros grupos ideológicos estavam em total oposição, pois o próprio momento que se estava vivenciando era propício a uma verdadeira e intensa transformação na sociedade, tanto na literatura quanto nas artes, pois se vivenciava um tempo de pós-guerra e de revolução industrial, no qual se tinha a visão de retratar os fatos presentes e radicalizar.

Essa radicalização se faz presente no campo da linguagem, enquanto sintaxe, pois tinham como objetivo quebrar com o padrão, de acordo com Chaves (1988, p. 50), “[...] o modernismo vai mais longe e declara possível falar e todas as formas, através de todos os meios. A literatura deve desconhecer os limites da gramática e do dicionário e utilizar todos os recursos para alcançar a expressividade.” Pode-se dizer que assim como afirma Chaves (1988, p. 53): “Na literatura brasileira, o modernismo representa o momento de conquista da nossa maturidade cultural”, dessa maneira há uma liberdade com relação ao colonizador, pois aqui é criado um novo herói e até mesmo um anti-herói, contribuindo para uma transformação na literatura brasileira.

Logo, todos os aspectos da linguagem e ainda os menores sofreram alterações, segundo Bosi (1987, p. 391) “As inovações atingem os vários estratos da linguagem literária, desde os caracteres materiais da pontuação e do traçado gráfico do texto até as estruturas fônicas, léxicas e sintáticas do discurso”. Dessa maneira, os efeitos são sentidos devido ao novo na literatura, pois a poesia agora passava a ser em versos livres e as temáticas norteadas para o culto das máquinas, já que Encontravam-se em um tempo de intensa industrialização.

Convém aludir que tudo isso foi favorável para o amadurecimento e independência da cultura brasileira. De acordo com Moriconi:

Modernismo= modernização+ conscientização nacional. O Brasil ajustando as lentes para melhor olhar-se a si mesmo. Do modernismo nasceram as bases contemporâneas da auto-estima brasileira. O afeto multirracional, a ideia de uma cultura brasileira popular como bem a ser preservado e vetor determinante de nossa identidade são princípios que as diversas tendências modernistas desde o início agitaram. (MORICONI, 2002, p. 26).

Por conseguinte, surgem os grupos de revistas formados por intelectuais, poetas e escritores causando polêmicas entre eles, no entanto cada um possuía um objetivo direcionado para as concepções de cultura e nacionalidade dentro do modernismo que eram abordados, indagados e repensados.

Sendo assim, as revistas idealistas, como meios de divulgações dessas concepções de cultura e nacionalidade, tinham por intuito mostrar à sociedade o passado dependente do colonizador, bem como fazer refletir sobre os novos conceitos. Portanto, é por intermédio dos grupos que foram difundidas as ideias inovadoras do modernismo tanto na prosa quanto na poesia. Temos, então, a revista dinamista que divulgava a velocidade e o movimento das máquinas que estavam em auge, como também a vida agitada do pós-guerra.

Mediante as características inerentes ao modernismo, elas se mostram nos poemas de Cecília Meireles por meio do verso livre, já que os escritores desse período tinham o objetivo de romper com as fórmulas antigas, ainda pelo uso da linguagem simples na criação poética, desse modo, traços do simbolismo também estão presentes, a partir das temáticas que abordam o espiritual e valorizam o cotidiano e ainda pela musicalidade muito marcante através dos elementos estilísticos no poema.

A nacionalidade, o povo e a terra, a conservação do que era originalidade do Brasil era defendida pela primitivista. A desvairista tinha por intuito difundir a ideia de necessidade da cultura nacional. Pode-se incluir ainda a antropofágica a qual procurou, em suas produções, analisar tudo o que na cultura existisse de origem europeia e preservar apenas o que de fato fosse brasileiro. A “antropofagia” é um termo usado como metáfora de que seria preciso deglutir as ideias trazidas por colonizadores.

Enquanto os intelectuais dessas categorias pensavam no presente e estavam focalizados no momento de culto às máquinas e a expressão da realidade na literatura, o grupo *Festa* estava contra todos os demais já que suas ideologias eram díspares. Pois se pensava em aspectos de estéticas anteriores como o Parnasianismo e Simbolismo, dessa forma pretendia conservar o catolicismo, o passado e a tradição cristã, porque a própria estética trazia elementos religiosos. Portanto é a *espiritualista* que deixa resquícios do tradicional no modernismo.

Depois do fim da Primeira Guerra Mundial e a desilusão criada na sociedade, devido os impactos econômicos, os intelectuais espiritualistas é que contribuíram na renovação dos valores perdidos, pois no passado encontrava esses valores, bem

como fizeram parte dessa ideologia escritores católicos, pois muitos da revista se identificavam com os pensamentos da Igreja Católica.

A revista *Festa* teve duas fases. A primeira e a mais importante, no ano de 1920, em que produzia, no seu espaço de divulgação, debates com as demais correntes do modernismo. A segunda, ela passa a priorizar mais as artes do que as discussões, divulgando as produções literárias, de acordo com Araújo (2010, p.103).

Por todos esses aspectos o modernismo foi um período muito intenso, de negação do passado tanto na literatura, nas artes, quanto na sociedade, como também reverbera ideias inovadoras, sendo assim os intelectuais, pesquisadores, formaram seus grupos com vertentes específicas, porém *A Festa* mostrou-se contrária a esses pensamentos, destacando-se escritores como Jorge de Lima e Tritão de Ataíde que conquistaram um espaço na literatura por suas obras.

## 2.1 Traços do místico na poesia ceciliana

A literatura brasileira sempre teve muita influência de Portugal desde a colonização, pois foram trazidas diversas ideologias tanto sociais, quanto literárias; e, como é sabido, é a partir desse fato que a literatura e a cultura do Brasil inicia o processo de construção de sua nacionalidade literária.

Assim, a literatura, constantemente, esteve sendo trabalhada pelos escritores com base em fórmulas e regras da literatura portuguesa e de suas ideologias, posto que no período do Romantismo os autores buscavam outros modos de dizer e não mais estar sob esses modelos portugueses e começaram a modificar alguns aspectos.

Logo, essa influência perpassa o tempo como uma herança deixada pelos cânones, por vezes os escritores procuram desconstruir ou conservar esse legado, conforme Perrone-Moisés (2016, p.50), quando afirma:

As grandes obras do cânone ocidental não são um “patrimônio”, no sentido museológico do termo. O patrimônio monumental é imóvel. A literatura, pelo contrário, é incessantemente disseminada e inseminadora, infinitamente reinterpretada. Por isso, não há razão para se fazer o luto da literatura. (PERRONE-MOISÉS, 2016, p. 53).

Desse modo, podemos dizer que tudo se renova, se reconstrói, se modifica com o passar do tempo. Isso é válido para a sociedade, para as ideologias e para a

própria literatura, bem como as obras do cânone, uma vez que sempre serão reinterpretada por outros escritores. Perrone-Moisés (2016, p. 52), nos afirma: “Ser fiel à herança não é deixá-la intacta; é transformá-la, relançá-la, mantê-la viva”. As mudanças não implicam que se deixou de ser fiel à herança, todavia a modificação foi necessária, bem como fazer novas interpretações para mantê-la viva.

Os aspectos canônicos, que tão significativos são na literatura, obtêm renovações que um deles é, justamente, modificar a imagem do herói construída até então pelo homem branco, pela figura daquele que realmente representa a identidade brasileira, o índio. Então, a figura heroica do homem branco é substituída pelo índio, concebendo um tom de autenticidade à literatura do Brasil.

A partir dessa ânsia de não mais querer ter a imagem de colonizado e de cada vez menos mostrar o homem branco como herói, no âmbito literário, que foram feitas rupturas para poder haver um processo de mudança, todavia a Semana de Arte Moderna de 1922 tornou-se um marco sinônimo de mudança nas artes plásticas, na literatura e na música. Como afirma Ávila <sup>3</sup>(2013, p. 14): “[...] Em certos instantes, porém, assiste-se a algo que é novo ou parecer novo, quando se fixa o marco de mudança, que pode ser superficial ou profunda. Se o processo é cadeia contínua, o certo é que há ruptura.”.

São as mudanças e as rupturas que estabeleceram uma renovação na literatura ao longo do tempo, sejam elas mudanças minuciosas ou de maior impacto. No entanto, de toda forma contribuiu para um novo pensar a respeito da literatura, dessa maneira os vestígios de mudança foram notados até mesmo antes da Semana de Arte Moderna, como afirma Ávila “[...] Mais digno de nota é 1917, em que se dá a estreia de Mário de Andrade, com o nome de Mário de Sobral, em *Há uma gota de Sangue em cada poema*, que, sem ser propriamente moderno, ainda marcado pela poética vigente, tem elementos novos.” (ÁVILA, 2013, p. 14, grifos do autor).

Os elementos de transformação já se faziam presentes nas obras literárias bem antes do modernismo propriamente dito, mostrando que não mais era desejável permanecer sob aquelas fórmulas antigas. Como afirma Ávila (2013, p. 15, grifos do autor) “o que parecia *divertissement* ou provocação era a prova de que o país estava farto de fórmulas gastas e precisava redescobrir-se”.

---

<sup>3</sup> ÁVILA, Affonso. **O Modernismo**. 3.ed. São Paulo: Perspectiva, 2013.

Essa inquietação de transformar a literatura para que realmente representasse o que há de brasileiro e de analisar o que já existia e tinha se consolidado não é apenas um fazer sem fundamentos, pois havia uma necessidade de representação brasileira na literatura, de uma nova criação de arte. No entanto, essa exclusão do passado não se fez por completo, foi analisado e permaneceu aquilo que era considerado válido. Segundo Affonso Ávila:

[...] Reconheceram, pois, o que era válido no passado, e, através da investigação e poder criador, realizaram trabalho admirável em todas as artes. [...] não era o gosto de destruir por destruir, mas a necessidade de limpar terreno para nascer o autêntico e novo é que animou os artistas verdadeiramente criadores e modernos que se impõem à contar de 22. (ÁVILA, 2013, p. 16)

A renovação da literatura por meio do Modernismo teve grandes impactos nas artes, com um expressar-se através das pinturas que exemplifica o movimento inicial principiado na antropofagia; na poesia a busca por fórmulas livres e fora do tradicional, desse modo o período modernista que apresenta um contexto histórico de revoluções devido às insatisfações, conduz ao surgimento de correntes ideológicas.

Conforme Ávila (2013, p. 34), o Barroco trouxe como abertura da criação os primeiros traços da demonstração brasileira e que seria embargado pelo Romantismo, no entanto é na Semana de 22 que é retomado e fortalecido esses traços que se caracterizam na utilização de uma linguagem rebuscada e ainda pelas obras retratarem mais a cultura brasileira.

Então o amadurecimento das ideias renovadoras para a literatura brasileira se firma por meio da Semana de Arte Moderna quando os escritores e artistas se reúnem para a realização desse evento, no qual seriam colocados todos os discursos reflexivos sobre a realidade. Em vista disso, no período Barroco, se faz a apropriação dos primeiros esforços brasileiros e no Modernismo se consolidam esses elementos.

É precisamente na poesia que todas as indagações e dicotomias se concentram, pois a poesia modernista produz uma divisória entre antigo e novo e de onde veio o maior impacto do Modernismo conforme defendido por Ávila (2013, p. 39).

Em vista de toda essa radicalidade na literatura e nas artes, por meio dos escritores juntamente dos artistas e pela contribuição dos fatos que estavam ocorrendo, houve uma separação em grupos por esses intelectuais, formando, desse

modo, uma disparidade entre os grupos, pois cada um possuía sua própria linha de pensamento a respeito da nova maneira de fazer literatura, criando um novo estilo.

No entanto, a diversidade dos grupos possibilitou o expressar das ideias, bem como revigorar aquilo que se buscava: a criação de uma literatura e de uma arte que contivesse a essência brasileira, a partir disso o objetivo sempre permaneceu em quebrar com o passado, então os grupos das correntes deram sua contribuição para que isso viesse acontecer.

Desse modo, enfatizamos o grupo espiritualista da revista *Festa*, pois a escritora abordada, Cecília Meireles, tem uma ligação direta com o grupo, sendo assim, a revista *Festa* esteve em controvérsia com as demais, já que era a única que se prendia a estéticas passadas, enquanto as outras pretendiam desligar-se.

De acordo com Affonso Ávila (2013, p. 22, grifo do autor) “De 27 é a corrente chamada *Festa*, de cunho espiritualista e que nada produziu de expressivo, então.” Portanto, para Ávila a corrente *Festa* não produziu qualquer coisa capaz de colaborar com o movimento modernista, uma vez que essa revista englobava o espiritual e no instante o foco de outros escritores estava sobre a realidade social, idem uma transformação na literatura.

Inclusive, a motivação que conduz a contribuição de Cecília em outras vertentes, talvez seja a disparidade entre os grupos idealistas, uma vez que a *Festa* segue para o âmbito da espiritualidade, conseqüentemente, retoma alguns elementos de movimentos que igualmente conservavam como, por exemplo, características do Simbolismo e Parnasianismo.

Desse modo, talvez o grupo de tendência espiritualista por si só não tenha agregado alguma coisa para o Modernismo, porque o cunho espiritual não interferiu no ponto de vista de uma nova produção literária, nem na criação de fórmulas poéticas, já que esse modelo de criação parte da mímese para imitar os fatos e que não era tão valorizados nesse período, bem como por apenas valorizar as estéticas anteriores do Parnasianismo e Simbolismo e suas tradições.

Sendo assim, não se notou uma contribuição da corrente espiritualista, contudo não se pode somente considerar esse aspecto, tendo em vista que a produção do grupo influenciou também a produção da poetisa Cecília Meireles, já que essas obras contêm temáticas voltadas para o campo espiritual e do místico, o que concede certa característica à poesia dessa escritora, provocando sentimentos e compreensões através das obras.

Logo, a produção de Cecília Meireles, tal como de outros escritores que estavam ligados ao grupo *Festa*, segue por um direcionamento voltado para as questões da tradição da igreja católica, em que a partir dos valores do espírito provoca o leitor, dessa maneira os poemas contidos no livro *Pequeno oratório de Santa Clara* suscitam emoções e muitas das vezes fascínio pelo que é empregado na poesia e/ou até mesmo pela temática abordada, impulsionando, assim, o leitor a buscar cada vez mais o universo da literatura.

Mediante ao seguimento do ideal da tradição cristã, o grupo de revista de cunho espiritualista pode não ter contribuído diretamente com o Modernismo, no entanto, colaborou com os escritores os quais faziam parte dessa equipe, desse modo a poetisa Cecília Meireles na sua obra poética do *Pequeno oratório de Santa Clara* nos mostra que conteve, sim, uma parcela de influência, não no que era esperado, mas em uma área divergente.

Outrossim, a poesia é uma forma artística na qual o poeta realiza a partir dos versos para expressar os sentimentos e representar o mundo, coisas, pessoas, animais, entre outros, pelo caminho da sensibilidade, ou seja, tudo será posto em versos com as emoções sentidas e fazer transparecer as sensações, seja de alegria, amor, felicidade, plenitude, gratidão ou de tristeza, angústia, solidão, sofrimento etc. ou relacionado a várias outras idiossincrasias, já que a poesia concede ao poeta uma amplitude de possibilidades para composição em forma e conteúdo da poesia.

Vale lembrar que a poesia também está ligada ao social e ao período vivenciado pelo autor e pela sociedade, sendo assim um fator determinante para o tipo de poesia e temas a serem trabalhados. As estéticas literárias influenciam de maneira direta e significativamente na poesia, porque é da necessidade daquele determinado período ter um tipo específico de poema. Pode-se dizer que a poesia também contribui e transforma o espaço social, pois há poder nos versos.

Assim como a literatura em prosa tem o poder de transformar a sociedade através dos textos, bem como leva o leitor a refletir, tornando-o um ser mais crítico a respeito dos fatos sociais e políticos, desse mesmo modo, a poesia o faz, por ser parte do âmbito literário é capaz de desenvolver no leitor uma nova maneira de reparar e sentir o mundo e as situações em seu derredor por meio dos versos.

Os poetas do Modernismo têm uma produção voltada para uma renovação no estilo da poesia, enquanto os participantes da corrente espiritualista se direcionam para o místico, que se refere ao valor espiritual ou religioso. Portanto, Cecília Meireles

deixa traços desse aspecto em suas obras com um intrínseco místico das estéticas literárias do Parnasiano e Simbolismo.

Podemos destacar *Nunca mais...e Poemas do poemas* (1923) que há uma ligação com os livros bíblicos Cânticos dos cânticos e Eclesiastes, como afirma Ricardo Vieira de Lima no livro de Cecília Meireles, *Pequeno oratório de Santa Clara, Romance de Santa Cecília e Oratório de Santa Maria Egípcíaca* (2014). E ainda *Espectros* (1919) que se associa com o Parnasiano e Simbolismo, através disso a poesia ceciliana adquire originalidade, além do lirismo e misticismo que está presente, de maneira notável, no *Pequeno oratório de Santa Clara*, pois apresenta um louvor à santa. Dessa forma, a representação dos santos na poesia de Cecília Meireles se faz com frequência e, justamente, nessa direção que a revista Festa tinha por intuito abordar nas publicações com a corrente espiritualista.

Na *Antologia Poética* (1963) que a própria Cecília Meireles seleciona 14 livros de poesia para comporem a antologia, são eles: Viagem; Vaga música; Mar absoluto; Elegia 1933- 1937; Retrato natural; Amor em Leonoreta; Doze noturnos da Holanda; O aeronauta; Romanceiro da Inconfidência; Pequeno oratório de Santa Clara; Canções; Metal rosicler; Poemas escritos na Índia e Inéditos. Dentre eles está o Pequeno oratório de Santa Clara, no qual representa a figura de Santa Clara e São Francisco de Assis com um intenso lirismo que é marca da poesia ceciliana.

Foram escolhidos por Cecília Meireles cinco poemas intitulados para fazer parte da antologia: *Eco, Clara, Glória, Luz e Vida*, todos com características do lirismo e misticismo. Dessa forma, no livro *Pequeno oratório de Santa Clara* encontramos ainda outros poemas com marcas da espiritualidade, podemos citar: *Serenata, Convite, Perseguição, Volta, Milagre, Fim, Voz, Fuga* e os demais já citados.

Em *Pequeno oratório de Santa Clara*, os poemas contam a história de vida da santa, desde o chamado recebido até a morte e, nessa produção de Cecília Meireles, a morte é abordada com uma certa alegria e como um sinal de esperança, já que no geral essa temática alude ao melancólico. Devido à filosofia do grupo de Revista Festa a poetisa traz nas produções traços dos valores espirituais, bem como faz referências a diversos santos da igreja católica, dessa forma há uma ligação da espiritualidade com o grupo na poesia ceciliana.

A poesia de Cecília Meireles é carregada de intenso lirismo e misticismo, segundo o crítico Paulo Rónai:

Considero o lirismo de Cecília Meireles o mais elevado da moderna poesia de língua portuguesa. Nenhum outro poeta iguala o seu desprendimento, a sua fluidez, o seu poder transfigurador, a sua simplicidade e seu preciosismo, porque Cecília, só ela, se acerca da nossa poesia primitiva e do nosso lirismo espontâneo... A poesia de Cecília Meireles, é uma das mais puras, belas e válidas manifestações da literatura contemporânea. (apud, BACCEGA, 2006, p. 114).

O lirismo ceciliano é uma marca incomparável que revela o sujeito lírico e os sentimentos externados, atribuindo à poesia um cunho espiritual e místico, como também são encontrados nos poemas da obra *Pequeno oratório de Santa Clara*.

São nessas peculiaridades que Cecília Meireles é nomeada uma das maiores poetisas da contemporaneidade, uma das vozes mais originais, como afirma Nelly Coelho:

Em permanente diálogo com o mistério do Absoluto (Deus), com a fugacidade da vida, o inevitável da morte e a possível tarefa da poesia, Cecília Meireles é, no âmbito da literatura brasileira, uma das vozes mais autênticas da grande crise espiritual que se instaura no entre-séculos (séc. XIX.XX) e se prolonga até nossos dias, sob as mais variadas formas. De autêntico húmus religioso (no exato sentido etimológico do termo latino, *re-ligio*, *re-ligação* do homem ao cosmos ou Deus), a poesia ceciliana expressa não só a fusão das múltiplas e altas experiências formais e temáticas da poesia-século XX, mas principalmente o difícil avançar em meio à fragmentação dos valores e paradigmas, imposta pelo Modernismo. (COELHO, 2001, p.14, grifos da autora).

Dessa forma, pode-se ver essa ligação do homem com Deus, no *Pequeno oratório de Santa Clara*, na figura de Clara e Francisco de Assis, mediante a linguagem poética. A poética ceciliana que é repleta de temáticas com relação à angústia, solidão, sofrimentos, dor da perda, aspectos esses que concedem as obras literárias um tom único. A poesia que é construída no jogo de palavras como afirma Moriconi, 2008:

A poesia brinca com a linguagem. Chama atenção para possibilidades de sentido. Explora significativamente coincidências sonoras entre palavras. Fábrica identidade por analogia, através das imagens ou metáforas: mulher é flor, rapaz é Rocha, amor é tocha. Nuvem é pluma. Pedra é sono. (MORICONI, 2008, p. 8).

E nessa linguagem e jogo de palavras em que a poesia se constrói provoca no leitor sentimentos, favorece a leitura de deleite, reflexões acerca do próprio interior, pois suscita questionamentos, bem como revela o eterno aludindo a religiosidade e ao espiritual, quando notamos a ocorrência um encontro com o sujeito lírico,

instigando o leitor a perceber a presença de uma sublimidade na poesia que a subjetividade proporciona.

Acerca do *Romanceiro da Inconfidência*, é empregada nos versos uma linguagem específica para retratar fatos históricos, como afirma Italo Moriconi: “[...] Está faltando algum poeta grande como Cecília que seja capaz de colocar em versos convincentes as histórias de Zumbi, de Canudos, do contestado paranaense e tantas outras, tantas outras, que nem mais se ensinam nas escolas, talvez” (MORICONI, 2008, p. 75). Encontramos, desse modo, uma poesia que transcende e se destaca entre tantas de outros autores. Decerto o vocabulário consegue alcançar o leitor e transmitir até mesmo histórias mais específicas de maneira tão singular, do mesmo modo é capaz de abordar outros assuntos com a mesma singularidade.

A poética ceciliana perpassa o místico, vai ao âmbito da musicalidade e ainda “brinca” com as palavras no livro infantojuvenil como em *Ou Isto ou Aquilo*, na forma de rimas. O que desperta atenção é a capacidade, o domínio e possa-se dizer também o dom que a poetisa modernista tem sobre o espaço literário, seja com relação à poesia ou narrativa. Mesmo em um período de pós-guerra, de muita radicalidade no espaço das artes, na literatura e no social, Cecília Meireles se mostra inatingível na escrita por todas as ideias e exigências feitas sobre a linguagem poética do período modernista, assim ela constrói uma poética viva e autêntica.

No livro *Ou Isto ou Aquilo* constatamos nos poemas com muita frequência a “brincadeira” com as palavras através das rimas no final de cada verso. Como nos diz Candido<sup>4</sup> (2006, p. 61): “Dentre os recursos usados para obter certos efeitos especiais de sonoridade do verso, o principal é a rima [...]”, sendo assim, a rima produz a sonoridade no poema, recurso no qual é muito utilizado em *Ou Isto ou Aquilo*. Candido (2006, p. 62), ainda nos diz que: “No Modernismo, a rima nunca foi abandonada. Mas os poetas adquiriram grande liberdade no seu tratamento.”

O uso das rimas pelos poetas modernistas não é deixado de lado, sendo assim utilizado como um recurso para enriquecer ainda mais as obras poéticas, bem como atrair os leitores, pois a sonoridade desenvolvida pelas rimas tem por intuito envolvê-los no poema. Cecília Meireles também fez uso do recurso da rima e do ritmo no livro, *Ou Isto ou Aquilo*, infantojuvenil.

---

<sup>4</sup>CANDIDO, Antonio. **O estudo analítico do poema**. 5.ed. São Paulo: Humanitas, 2006.

Todos estes recursos de rimas, jogo de palavras, lirismo, espiritualidade, singularidade na poética e a quantidade de versos por estrofes revelam um pouco da identidade da autora, não somente dela, como também de todo e qualquer poeta, já que está presente na poesia uma parte da individualidade de cada um, nesse caso a subjetividade do autor, pois os poemas contém esse aspecto subjetivo.

Neste contexto, encontramos a subjetividade de Cecília Meireles nos poemas que tratam do tema sobre a dor e a morte. Como citamos anteriormente, a poetisa passou pela dor da perda desde sua infância quando fica órfã de pai e mãe e mais tarde com a morte do marido, desse modo em vários poemas essa característica está presente e faz ligação de uma parte da identidade de Cecília Meireles com o eu lírico. Do mesmo modo, o livro *Pequeno oratório de Santa Clara* traz aspectos da subjetividade da autora, uma vez que quando é abordada uma temática direcionada para a espiritualidade relaciona-se com os traços da religião adquiridos a partir da avó Jacintha Benevides.

A poesia de Cecília é construída a partir do conjunto de aspectos, que pode ser a subjetividade, fatores sociais, políticos e recursos da linguagem escrita, por meio disso tudo adquire importância no gênero poético. Com relação aos vestígios do místico na obra de Cecília Meireles estão expostos em outras produções que rememoram a figura de alguns santos e que exprimem reflexões ou indagações acerca do eterno e da ligação do homem com Deus.

## **2.2 O eu poético e a sensibilidade na produção ceciliana**

A produção poética ceciliana é construída a partir de um eu lírico que se encontra desligado do mundo real, uma vez que imerge na sensibilidade, passa a enxergar e sentir as coisas, passado, presente, natureza, tempo de forma intensa através de outra compreensão, procurando enaltecer os sentimentos, assim, a cada poema o eu lírico vai adquirindo forma e revelando traços de Cecília Meireles por meio deles na sua subjetividade.

Desse modo, em qualquer verso o eu poético construído pela autora deixa vestígios de si própria. Assim o leitor conhece a poetisa cada vez mais sempre que adentra no universo poético-literário, mas que não irá somente conhecer

características sobre a autora como também irá indagar, pois encontrará muitas contradições e questionamentos nos poemas.

Um quadro de mosaico seria algo que consideramos capaz de definir um pouco da produção de Cecília Meireles, já que o seu eu lírico está fragmentado e se encontra nos poemas dos diversos livros, assim em cada um deles contêm um pouco, uma marca da escritora que se revela, desse modo na subjetividade de cada poema está contido a sensibilidade e singularidade com relação à visão das coisas ao seu redor, que possibilita ao leitor participar de um novo cenário.

Assim, a poética se constitui como um modelo de vitral, no qual é construído a partir da junção de vários elementos que não fazem parte de determinado objeto e que ao fim desse processo de junção se tem uma imagem completa construída, portanto, a produção de Cecília se constitui nesse modelo, posto que encontramos um recorte de diversos elementos e períodos literários dentro de suas obras.

A rememoração do passado feita constantemente pela poetisa como nos diz Alfredo Bosi<sup>5</sup> (2007, p. 14), que o passado mesmo parecendo enorme pelo crescimento do tempo, de certa forma está fora ou dentro do relógio, mas que mesmo assim se encontra dentro do *eu* devido a rememoração e que é esse aspecto característico pelo termo espiritualização, espiritual que é adotado à poesia ceciliana. Dessa maneira ela coloca para nós um passado vivo sempre que faz o exercício de voltar para ele. Cecília Meireles coloca na sua poética a outra face do *eu* como nos afirma Bosi:

Do lado do *eu*, as tentativas de auto-retrato, de autobiografia, de *retrato natural* são várias e mais árduas na medida em que esse *eu*, imerso em memórias, é não só herdeiro do passado como também o foco sobrevivente, o lugar atual dos afetos à procura de compreensão. (BOSI, 2007, p. 17, grifos do autor).

Contudo esse *eu* é tal como um autorretrato de Cecília Meireles nos poemas de cada obra, através de temáticas diversas, traz questionamentos acerca do ser, efemeridade, eternidade e rico de subjetividade, em que algumas vezes exigirá do leitor um esforço para compreender.

Para a poetisa, tudo se transfigura em poema e em tudo há poesia, como por exemplo, a pobreza, em uma viagem feita à Índia ela produz um poema intitulado

---

<sup>5</sup> BOSI, Alfredo. Em torno da poesia de Cecília Meireles. In: GOUVÊA, Leila V. B. (Org.). **Ensaio sobre Cecília Meireles**. São Paulo: Humanitas/FAPESP, 2007.

“Pobreza”, no qual cria uma imagem bela da cena, segundo Bosi (2007, p. 23): “O que é velho e pobre- tão esvaziado de valor para o nosso utilitarismo burguês- recebe pela voz da poesia, os seus atributos inauditos e verdadeiros”, pois transporta a figura de homem pobre no poema, no qual recebe valor pela voz da poesia da autora. A maneira diferenciada de olhar as coisas ao seu redor é que outros valores são atribuídos por meio da poesia, de acordo com Bosi:

O olhar de Cecília que penetrou fundo no longo tempo de uma vida, até nele divisar a eternidade; o olhar de Cecília que viu de perto o despojamento do pobre, até nele pressentir a divindade [...] Olhou de *longe*, de *perto*, de *mais perto*, de *muito perto*, de *infinitamente perto*. (BOSI, 2007, p. 23, grifos do autor)

Esse olhar de Cecília Meireles possui a capacidade de perceber aspectos muito além daquilo que pode ser visível e só por ela é notado, pois procura olhar para tudo ao seu redor de uma maneira mais intensa e profunda, olha verdadeiramente como poeta que busca por poesia.

A sensibilidade empregada com o momento que está sendo vivenciado, além da empatia, que dão característica à lírica da autora, porque é algo que surge de dentro e transpõe/ transborda em forma de escrita, ou seja, poemas, segundo Bosi (2007, p. 29): “[...] Cecília viajava primeiro dentro da sua memória convertendo em lírica as suas experiências vitais de amor e pena, encanto e desencanto.” Desse modo notamos que primeiro ela em sua memória fazia viagens que ia transformando em lírica, devido a isso e a outros fatores como é o caso da visão profunda que a torna uma poetisa de intenso lirismo, pois ela se coloca na poesia.

Percebemos, ainda, que a poesia cecilianiana contém lirismo que evidencia traços de uma visão profunda, indagações, sentimentos a partir do *eu* dos versos, enquanto os demais poetas do período modernista buscavam construir uma literatura de reivindicações e que expresse a realidade, revoluções e questões sociais, com o intuito de motivar a sociedade para reflexões. Portanto, as obras de Cecília Meireles concede aquilo que estava sendo deixado de lado: a sensibilidade. Vê-se importante enumerar dois pontos acerca da poética cecilianiana.

O primeiro, muito inquietante, é a forma das características, temáticas que a produção possui, no qual não está de acordo com o período modernista. Cecília Meireles conseguiu participar do movimento do modernismo sem adquirir traços dele para suas obras, pois era autêntica, produzia uma poesia que era característica dela

e sendo assim não é de estranhar que nessas obras contenham indícios de outras estéticas. De acordo com Oliveira <sup>6</sup>(2007, p. 190) “Os reflexos mais significativos da ligação da escritora com a literatura portuguesa revelam-se, sobretudo, em sua poesia.”, assim sendo, a poética ceciliana é construída com traços da literatura portuguesa, talvez por ela ser descendente de portugueses e açoures como nos diz Oliveira (2007).

O segundo, muito interessante, é a forma como a autora se coloca nos versos, construindo um auto-retrato, uma autobiografia, com suas sensações, indagações, desligamento do mundo e solidão, no entanto se mostra em cada aspecto desses. Segundo Nádía Gotlib nos fala sobre esse jeito de Cecília Meireles com relação a poesia, Gotlib<sup>7</sup> (2007, p. 98) nos diz: “No poema, essa autora mostra-se por vezes tão explicitamente que lá encontramos, outra vez, o prenome da capa, entre os versos poéticos.”, sendo assim podemos encontrar Cecília entre os versos poéticos e isso é um dos aspectos encantadores da poesia, porque torna possível coisas inimagináveis.

Em vista disso, escritores com essa linha de pensamento e de estilo de escrita se enquadravam aos critérios da revista *Festa* que o intuito estava para a sensibilidade e espiritualidade. Talvez seja esse um dos motivos pelo qual a poetisa resolveu participar do grupo, em razão de ter percebido que as suas ideias coincidiam em parte com o objetivo da revista. A partir dessa forma sensível, de apreciação profunda e lírica de fazer poesia que é construída a obra *Pequeno oratório de Santa Clara*, envolto desse tipo de aspectos e da espiritualidade. Doravante, iremos direcionar nossos olhares para a análise dos poemas que constituem o objeto de estudo deste trabalho, a fim de percebermos características contidas nos poemas.

---

<sup>6</sup> OLIVEIRA, Ana Maria Domingues de. Diálogo com a tradição Portuguesa. In: GOUVÊA, Leila V. B. (Org.). **Ensaio sobre Cecília Meireles**. São Paulo: Humanitas/FAPESP, 2007.

<sup>7</sup> GOTLIB, Nádía Battella. Cecília Meireles: A construção do auto-retrato. In: GOUVÊA, Leila V. B. (Org.). **Ensaio sobre Cecília Meireles**. São Paulo: Humanitas/FAPESP, 2007.

### 3 “O INSTANTE EXISTE” NO ECO E NA GLÓRIA

A espiritualidade está presente em muitos dos poemas de Cecília Meireles, assim como encontramos a musicalidade e o lirismo, pois são traços inerentes à sua subjetividade, sendo assim outros poemas além dos que serão analisados contêm esses elementos, por exemplo, o poema “Motivo”<sup>8</sup> do livro *Viagem*, que está inserido na Antologia poética. No verso: “[...] o instante existe” a poetisa nos mostra certa espiritualidade, retratando que o instante precisa ser vivido e que é algo de força, no qual chama para viver e ao mesmo tempo soa como um alerta que questiona a maneira como o instante está sendo desfrutado.

Essas características se fazem presente na obra cecilianiana, uma vez que o viés espiritual é abordado de diversas formas. Nesse poema “Motivo” nos é apresentado um espírito de incerteza sobre o sentimento do eu lírico, no entanto, vive o instante porque ele existe e tem a certeza de que um dia não mais existirá, dessa maneira se nota um olhar profundo acerca do instante não podendo deixar passá-lo.

Então, essa espiritualidade também marca o livro *Pequeno oratório de Santa Clara* e está presente nos poemas: *Eco*, *Clara*, *Luz*, *Vida* e *Glória*. Já que possuem traços da religiosidade, espiritualidade e lirismo, pois esse “instante” que precisa ser vivenciado também é encontrado nessa obra de Cecília Meireles, uma vez que da mesma forma precisa ser vivido intensamente pelos personagens bíblicos Francisco e Clara, igualmente por aqueles que ao longe ouvem o seu cantar. Então, por meio dessa espiritualidade que há no *Eco* e na *Glória*, existe uma linha tênue que liga ao poema “Motivo”.

Ao final da leitura do livro *Pequeno oratório de Santa Clara*, notamos que se constitui um louvor à santa, uma vez que ele narra a história de vida dos personagens bíblicos Clara e Francisco de modo poético, em cada poema uma parte do itinerário, pois há uma ligação entre eles, sendo complemento um do outro, através de uma linguagem repleta de misticismo, de igual modo sentimental, devido ao uso de léxicos “delicados” para despertar o encantamento, logo deixa implícito a voz de um Deus que anseia por uma ligação com o homem.

---

<sup>8</sup> MEIRELES, Cecília. Motivo. In: **Antologia Poética**. Rio de Janeiro: Nova fronteira, 2001, p. 15.

O eu lírico remete no poema a uma ideia do eterno com relação ao momento e a religiosidade, assim como também está presente nos seus demais poemas. De certo, a autora mantém uma ligação do eu lírico com esse aspecto, favorecendo o envolvimento do leitor com a obra a partir da linguagem que busca aproximar o homem do Criador, com o propósito de fazer sentir e encontrar a eternidade que há em cada leitor através da poesia.

Logo, o tema desenvolvido é sobre a efemeridade da vida, desse modo o poema “Motivo” faz uma reflexão acerca da vida que é passageira e que cada momento deve ser vivenciado intensamente, portanto os cinco poemas selecionados do livro *Pequeno oratório de Santa Clara* motivam uma reflexão.

Em “Motivo” o eu lírico compara a efemeridade da vida com o vento que passa rápido, mas que é possível senti-lo, bem como traz o cantar como forma de viver e que o cantar é tudo, notamos na última estrofe: “Sei que canto. E a canção é tudo./ Tem sangue eterno a asa ritmada./ E um dia sei que estarei mudo:/ — mais nada.” Também mostra que a morte é vista como uma certeza, não sendo retratada com tristeza, mas com serenidade, desse modo, nos poemas analisados, também se nota que o *leitmotiv*<sup>9</sup> morte é abordado por esse viés.

Ainda, percebemos uma ligação do poema “Motivo” com os demais da obra *Pequeno oratório de Santa Clara*, o sentimento de melancolia é apresentado em ambos como observamos na primeira estrofe de “Motivo”: “Eu canto porque o instante existe/ e a minha vida está completa./ Não sou alegre nem sou triste:/ sou poeta.” Além disso, revela uma inconstância de espírito, sendo assim, esse elemento também é encontrado em *Eco* nos versos: “Ah! que celeste destino,/ ser pobre e andar a seu lado!/ Só de perfeita alegria/ levar repleto o regaço”. Também notamos em *Clara* nos versos: “Voz luminosa da noite,/ feliz de quem te entendia”.

Acerca da temática voltada para a morte, assim como em “Motivo” é exposto um sentimento de esperança e certeza, da mesma forma percebemos em *Clara* nos versos: “Ah! feliz itinerário!/ Sobrenatural partida!”, percebemos também no poema *Luz*: “Já está morta. E é tão ditosa/ como quem sai de um degredo.” E ainda em *Glória* nos versos: “Já seus olhos se fecharam./... Que assim partem desse mundo/ os santos, com seus serviços”.

---

<sup>9</sup> O termo “leitmotiv” é de origem alemã. No português tem como significado “motivo condutor” e na literatura se associa a palavra “tema”.

Assim sendo, podemos perceber semelhanças entre o poema “Motivo” e os cinco selecionados para o objeto de estudos, por aquilo que o eu lírico transmite no poema e pela maneira como é abordado determinados aspectos, dessa forma o título “Motivo” simboliza uma esperança, um motivo para viver que o ser poeta e similarmemente os títulos *Eco*, *Clara*, *Luz*, *Vida e Glória* também expressam, de modo que o místico na poesia conduz os personagens bíblicos à vivência da virtude da humildade, além de apresentar um sinal e a conquista do paraíso celeste.

### 3.1 Ressoar do lirismo ceciliano

O lirismo ceciliano é notado em muitos poemas, aqui, apresentamos o poema *Eco*, no qual o sujeito lírico marca também a musicalidade através de recursos estilísticos utilizados na criação poética, assim, expomos uma breve análise acerca do poema, das características e do modo como o eu lírico se apresenta.

#### ***Eco***

Cantara ao longe Francisco,  
 jogral de Deus deslumbrado.  
 Quem se mirara em seus olhos,  
 seguirá atrás de seu passo!  
 (Um filho de mercadores  
 pode ser mais que um fidalgo,  
 se Deus o espera  
 com seu comovido abraço...)  
 Ah! que celeste destino,  
 ser pobre e andar a seu lado!  
 Só de perfeita alegria  
 levar repleto o regaço!  
 Beijar leprosos,  
 sem se sentir enojado!  
 Converter homens e bichos!  
 Falar com os anjos do espaço!...  
 (Ah! quem fora a sombra, ao menos,  
 desse jogral deslumbrado!)<sup>10</sup>

O poema *Eco* dispõe de uma única estrofe de dezoito versos e se caracteriza por meio de versos livres, no qual não apresenta rimas no final de todos, mas apenas de alguns, como é o caso da repetição de ADO em “deslumbrado”, “lado” e “enojado”, de tal modo há presença de rimas imperfeitas de AÇO e ASSO em “passo”, “abraço”

<sup>10</sup> MEIRELES, Cecília. *Eco*. In: \_\_\_\_ **Pequeno oratório de Santa clara, Romanceiro de Santa Cecília, Oratório de Santa Maria Egipcíaca**. São Paulo: Global, 2014, p. 31.

e ainda notamos que há rimas internas no primeiro e terceiro versos: “Cantara ao longe Francisco/[...] Quem se mirara em seus olhos,/” no aparecimento das letras ARA das expressões “cantara” e “mirara” e mais adiante no décimo verso: “[...] ser pobre e andar a seu lado/”, a sonoridade produzida no decorrer da leitura possibilita a união do verbo andar com a vogal “a” que resulta em um som de rima com “cantara” e “mirara”, representando para o leitor uma ênfase nos sons e na musicalidade, provocando sensações de lembrança através do que o eu lírico conta e despertando emoções a partir da constante sonoridade.

O poema é marcado pelo recurso estilístico do *enjambement*, se caracterizando por uma interrupção do verso e segue a continuação em outro, desse modo Eco apresenta esse aspecto em vários momentos, não interferindo no sentido que os versos expressam. Desse modo, o –eco é ressignificado pela continuidade sintática dos versos, que alude à sonoridade intrínseca ao termo, sua subjetividade e alcance pela rimas finais.

Logo, esse recurso de rimas, sejam imperfeitas ou internas, de repetição das vogais e consoantes dentro do poema compõem a sonoridade e a musicalidade da poesia, pois também encontramos com frequência /o/ e /s/ no final das últimas palavras de cada verso que corrobora da mesma forma com esse elemento de sonoridade, nos vocábulos: “Francisco”, “deslumbrado”, “mercadores” e “bichos”, desse modo a musicalidade se constitui por meio desses recursos gerando harmonia no poema.

Esses elementos enfatizam a musicalidade no poema e ainda despertam sensações auditivas no leitor, já que remete a um ideal do simbolismo, aspecto presente nos poemas da escritora, já com relação às idiosincrasias modernistas, encontramos o uso dos versos livres, quanto às sílabas poéticas e as rimas corresponde ao Parnasianismo, período no qual os escritores estavam concentrados na forma do poema.

Assim, encontramos características dos diversos movimentos literários, Modernismo, Simbolismo e Parnasiano, nos reafirmando que a poetisa é atemporal, pois encontramos aspectos desses períodos literários constantemente, bem como sua autenticidade em produzir poemas de forma tão singular que somente Cecília foi capaz de construir.

Ainda notamos na estruturação do poema o uso de versos entre parêntese como um estilo para chamar a atenção e enfatizar uma fala, pensamento ou

explicação do eu lírico a respeito do personagem bíblico, Francisco, no seguinte trecho, de acordo: “[...] (Um filho de mercadores/ pode ser mais que um fidalgo,/ se Deus o espera/ com seu comovido abraço...)” e nos últimos versos expressa uma admiração: “[...] (Ah! Quem fora a sombra, ao menos,/ desse jogral deslumbrado!)”, assim sendo o narrador do poema se encontra em terceira pessoa, pois está marcado pelos pronomes “seu” e “o” nos trechos, conforme: “[...] seguirá atrás de seu passo/ [...] e se Deus o espera” bem como pela própria apresentação do nome Francisco.

Dessa forma, o poema aborda o aspecto religioso por meio do personagem Francisco, no qual o eu lírico narra a história dele, bem como o valor de espírito e o despojamento de riquezas que um filho de mercadores se desapega do que tem e vai viver o destino na simplicidade e em plena alegria a beijar leprosos, conversar com as criaturas celestiais e convertendo homens e bichos, nos seguintes versos: “[...] (Um filho de mercadores/ pode ser mais que um fidalgo,” descrevendo que ele sendo filho de mercadores, todavia ouviu o chamado e se decidiu pelo voto de pobreza no verso: “[...] Ah! que celeste destino,/ ser pobre e andar a seu lado!” aqui o eu lírico mostra admirar essa decisão e, de certo modo, apresenta um desejo de estar ao lado do personagem.

Então, o espiritual de Francisco é apresentado pelo eu lírico como o eco que ressoa e atinge certa distância e ainda pode ser escutado por homens e bichos com a capacidade de transformá-los, como notamos no trecho: “[...] converter homens e bichos!”. No verso, observamos que: “Cantara ao longe Francisco” representa uma voz trovejante, a qual de longe se ouve.

No segundo verso: “[...] jogral de Deus deslumbrado.” a autora faz uma analogia do personagem com aquele que cantava a poesia na época medieval e nesse caso o eu lírico especifica que é a poesia divina que deixa Francisco extasiado. No terceiro e quarto verso: “[...] Quem se mirara em seus olhos,/ seguira atrás de seu passo!” expõe a sensibilidade do eu lírico, pois fala que o olhar da figura de Francisco é profundo e que possui algo capaz de encantar quem neles se mirara, seguindo, assim, seus passos.

O poema ainda fala a respeito da nobreza, considerada uma virtude pela religião católica, que o filho de mercadores pode ter se Deus o espera para viver na simplicidade, dessa maneira, a humildade alude a uma grande riqueza espiritual que ao torná-lo mais que um fidalgo encontrará ao lado de Deus a recompensa após a

morte, como vemos nos versos: “[...] (Um filho de mercadores/ pode ser mais que um fidalgo,/ se Deus o espera/ com seu comovido abraço...)”.

Acerca da alegria o eu lírico demonstra que não tem um espírito repleto de alegria e expressa o desejo de ter o interior espiritual em alegria constante, nos seguintes trechos, de acordo: “[...] Só de perfeita alegria/ levar repleto o regaço!” podemos perceber que o vocábulo “regaço” no poema se refere ao interior (alma). Dessa maneira, outro elemento relevante dentro do poema *Eco* é a relação de alguns léxicos com idiossincrasias da literatura portuguesa, por exemplo: “jogral” e “fidalgo” que remete tanto a época medieval quanto a literatura portuguesa, uma vez que os poemas eram cantados pelos jograis e os fidalgos representavam pessoas da nobreza.

O termo *Eco*, título do poema, remete a um som que é emitido e que refletiu de volta, um som repetido, desse modo faz alusão à simplicidade, ao espiritual de Francisco que ressoa ao longe, bem como está relacionado ao chamado de Deus para o personagem bíblico, no qual provoca a reverberação na vida dele, essa expressão *eco* pode estar associado a sonoridade do poema decorrente da aliteração do /se/ nos vocábulos de alguns versos, por exemplo: “[...] sem se sentir enojado”.

Sendo assim, percebemos que o poema aborda a simplicidade, enquanto valor espiritual e que a poesia se constrói na sonoridade das palavras e na musicalidade das sete sílabas poéticas frequente no decorrer do poema, estabelecendo harmonia e concedendo ao leitor emoções a partir deles, como também a autora se revela por meio da sensibilidade empregada no poema com o lirismo característico de suas poesias.

O poema apresenta a figura de um santo da igreja católica, que viveu no século XII, na idade média, o qual se fez humilde, se fez jogral de Deus deixando a vida de nobreza, já que seu pai era mercador, para apenas viver na simplicidade “cantando” a humildade com intensidade. Segundo a religião é considerada virtude de espírito do ser humano e ao pregar o seu testemunho por meio de uma forma simples foi capaz de sensibilizar as pessoas ao seu redor.

Desse modo, o eu lírico nos revela que Deus espera, com amor, por uma decisão daqueles que têm um encontro com Ele, além de nos apresentar a imagem da conversão como um dom que transcende o ser humano.

Essa virtude da humildade, de ser semelhança de Deus, no poema mostra que o personagem Francisco se sente em completa felicidade a partir da escolha feita,

bem como compara a virtude a uma riqueza e, ainda, no poema apresenta que a humildade é vista pelo âmbito do desprendimento dos bens materiais e por esse destino é levado ao céu, ideia que também alude ao catolicismo.

O eu lírico mostra que a humildade era uma virtude vivenciada com muita intensidade pelo personagem Francisco. Segundo afirma Fonteles (2010, p. 59), os olhos são janela da alma, no poema, essa virtude era refletida e quem fixasse neles, logo, seria enternecido pelo olhar, bem como esse olhar simboliza um encontro com o Eterno. Também expõe uma compreensão do sujeito lírico em relação a decisão da figura.

Além do desprendimento dos bens, o poema apresenta a renúncia dos próprios sentimentos humanos como, por exemplo, o gesto de beijar leprosos, além de revelar uma santidade do personagem Francisco, que foi tão humilde em pregar sem ter intenção de conquistar seguidores, chegando ao ponto de não haver quem fosse capaz de viver de maneira tão singular para pregar o evangelho.

No discorrer do poema o sujeito lírico nos mostra o tempo em que o personagem viveu, passado, na época medieval, pois retrata os jograis e fidalgos. Todavia, apresenta que a virtude da humildade ecoa até os dias de hoje, despertando no leitor uma inquietação acerca da virtude e ainda uma curiosidade pela vida do personagem Francisco.

O poema também ressignifica a ideia da conversão, uma vez que se atribui apenas às pessoas. No entanto, em *Eco*, esse aspecto é atribuído aos bichos, pois revela a imagem dos bichos como irmãos menores. Faz alusão ao paraíso, quando o eu lírico fala sobre o destino celeste que aguarda o personagem, devido à sua audácia em viver despojado de todos os bens.

Assim, essa ideia, similarmente, está relacionada à religião cristã e do mesmo modo ao simbolismo, uma vez que procurava enfatizar, na poesia, o lado espiritual, bem como a musicalidade, pois é uma característica muito presente na poética.

### **3.2 O campo deserto da solidão em cecília meireles**

A solidão é um dos temas abordados por Cecília em suas obras. Neste poema intitulado Clara, a escritora nos mostra uma visão sobre a solidão vivenciada pela personagem, nos submetendo a conhecer a história da figura a que se dedica o título do livro, objeto de estudo.

**Clara**

Voz luminosa da noite,  
 feliz de quem te entendia!  
 (Num palácio mui guardado,  
 levantou-se uma menina:  
 já não pode ser quem era,  
 tão bem guarnida,  
 com seus vestidos bordados,  
 de veludo e musselina;  
 já não quer saber de noivos:  
 outra é sua vida.  
 Fecha as portas, desce a treva,  
 que com seu nome ilumina.  
 Que são lágrimas?  
 Pelo silêncio caminha...)  
 Um vasto campo deserto,  
 a larga estrada divina!  
 Ah! feliz itinerário!  
 Sobrenatural partida!<sup>11</sup>

O poema Clara é composto também por dezoito versos poéticos, a partir do *enjambement*, continuação sintática e semântica do verso, transmitindo ideia de continuidade que, da mesma forma, contém versos livres, mas encontramos traços de assonância do /e/ no seguinte verso: “[...] feliz de quem te entendia!” e em “[...] de veludo e musselina”, bem como do /a/ nos trechos: “[...] Fecha as portas, desce a treva,” “[...] a larga estrada divina!” e ainda no final dos léxicos “menina”, “entendia”, “guarnida”, “musselina” entre outros.

Dessa maneira, notamos a existência da repetição de vogais e consoantes IDA nos seguintes trechos: “guarnida”, “vida” e “partida” como também o aparecimento frequente de INA nos termos: “menina”, “musselina”, “ilumina” e “divina” todos no fim de cada verso, contribuindo para a sonorização do poema, uma vez que é notado através da sensibilidade do leitor e pelo fato de enfatizar a ideia que o eu lírico deseja transmitir a respeito da menina Clara.

---

<sup>11</sup> MEIRELES, Cecília. Clara. In: \_\_\_\_ **Pequeno oratório de Santa clara, Romanceiro de Santa Cecília, Oratório de Santa Maria Egípcíaca**. São Paulo: Global, 2014, p. 33.

Assim, o recurso da assonância e aliteração são utilizados com frequência nos poemas dos escritores que fizeram parte do período simbolista, portanto, a poetisa faz uso desses elementos, uma vez que a revista *Festa* alude ao movimento, como também pela sonorização que conseqüentemente contribui com a musicalidade.

Como afirma Candido (2006, p. 62) “[...] Frequentemente a nossa sensibilidade busca no verso o apoio na homofonia final; e do sistema de homofonias de um poema extrai um tipo próprio de percepção poética, por vezes independente dos valores semânticos.” Dessa forma, a sensibilidade do leitor sempre irá procurar pela sonoridade do poema, então notamos esse aspecto ao longo do poema *Clara* da poetisa Cecília Meireles na recorrência dos sons.

Na criação poética também houve a utilização dos parênteses para provocar no leitor sensações visuais, posto que esse recurso tem por objetivo esclarecer algo mencionado anteriormente, proporcionando mais informações e nesse espaço traz uma explicação acerca da personagem Clara, contribuindo para a compreensão do poema, uma vez que o eu lírico apresenta ao leitor a figura sobre a qual será abordada, narrando por meio de uma linguagem poética o modo de vida adquirido por ela e ainda sobre o lugar que vivia.

Assim, percebemos que esse segundo poema retrata a figura de outra personagem, Clara, na qual a história é contada através da musicalidade desenvolvida, devido os elementos de repetição dos sons, além de resignificar o ambiente religioso, já que a poesia e a música tem uma estreita ligação com o espiritualismo, principalmente no movimento simbolista, apresentando ao leitor uma perspectiva sublime através do eu lírico.

O eu lírico se mostra distante, marcado no poema versos com os pronomes “seus” e “sua”. Diferentemente de *Eco*, no qual o eu lírico apresenta a personagem logo nos primeiros versos. Notamos que em *Clara* o nome da figura não é apresentado em nenhum verso, sendo apenas representado por “menina” no quarto verso: “[...] levantou-se uma menina:”, mas por meio do título, Clara, e a partir da leitura sabemos que o poema faz alusão à santa Clara.

A musicalidade e sonorização se constituem também devido às sete sílabas poéticas que encontramos na maioria dos versos, pois essa característica produz a sonorização. De acordo com Candido (2006, p. 43) “[...] há o ritmo, regular do setessílabo que cria uma unidade sonora na estrofe.” Desse modo, ainda percebemos que esse recurso é mais um que favorece os elementos poéticos de repetição dos

termos “feliz” no segundo e décimo sétimo versos e o “já não” no quinto e nono versos no interior do poema.

Assim, a utilização das sete sílabas poéticas provoca no leitor uma ligação com o poema, um envolvimento, além de ter o poder de despertar emoções, bem como facilita na memorização e na percepção de imagens poéticas passadas pelo sujeito lírico, pois toca a sensibilidade.

O poema apresenta, similarmente, uma temática a respeito do espírito de simplicidade da personagem Clara, tal como o da figura de Francisco, bem como a louva por esse aspecto. No primeiro verso notamos a presença de uma metáfora: “Voz luminosa da noite” simbolizando uma voz serena como a noite; no segundo verso: “[...] feliz de quem te entendia” fala de uma voz que ressoava à noite e que era feliz quem soubesse compreendê-la, nos mostrando que Clara entendeu e ouviu tal voz, na qual mudou sua vida. No quinto verso observamos que: “[...] já não pode ser quem era” exhibe que a após ouvir a voz buscaria, doravante, pela vivência na simplicidade. O seguinte trecho, conforme: “[...] com seus vestidos bordados/ de veludo e musselina” faz referência a classe sócio- econômica que Clara estava inserida, a qual era da nobreza e que notamos pelos tecidos que o eu lírico apresenta no poema.

Também é feita menção à solidão, quando a poetisa coloca no poema os trechos: “[...] Fecha as portas, desce a treva”, pois o quarto da personagem era o lugar onde ficava sozinha a fazer as orações, mostrando a pureza da menina Clara que ilumina a noite e as trevas.

No poema o eu lírico questiona sobre as lágrimas no décimo terceiro verso: “[...] Que são lágrimas” como sendo as lágrimas apenas um detalhe e o que realmente importava era que a “voz da noite” havia sido escutada, desse modo relacionando com a voz de Deus. Percebemos ainda o aparecimento de mais uma metáfora: “[...] pelo silêncio caminha” que alude à maneira de viver mergulhado no silêncio interior, na solidão, portanto, elementos como esses revelam traços inerentes à poesia de Cecília Meireles.

O verso: “[...] que com seu nome ilumina” relaciona-se com o título, *Clara*, que significa ser uma personagem que iluminada tanto pelo nome quanto na alma, uma vez que o nome Clara simboliza brilhante, luminosa ou ilustre. Já os versos: “[...] Um vasto campo deserto,/ a larga estrada divina!” remete à aridez e a solidão de Clara por não ser compreendida na decisão feita, bem como mostra que a solidão é um sentimento vivenciado em vasto isolamento. Mas no poema esse sentimento leva ao

vislumbre com a vida eterna, sendo assim uma temática que a poetisa frequentemente aborda em suas produções. Nos últimos versos o sujeito lírico mostra uma admiração que é visto pelo sinal de pontuação, exclamação, usado no poema.

O nome Clara é apresentado do ponto de vista da transparência que representa a candura em vários sentidos, no entendimento acerca da alma e pela clareza com que a imagem feminina compreende o chamado sublime que recebeu de Deus para viver na simplicidade, e ainda pelo fato de ser clara a sua decisão. Entre Clara e Francisco havia um amor fraterno muito intenso e belo, devido essa afeição eles se tratavam por irmão sol e irmã lua, desse modo, a voz da noite que fala o poema se refere à figura feminina, Clara.

Leva-nos a época vivida e ainda nos revela imagens de um lugar, palácio e da vaidade da personagem que expõe aspectos do cotidiano da figura bíblica, assim, sabemos que se refere ao movimento do simbolismo e ainda traz questões do espírito, por exemplo, solidão e tristeza. O uso do substantivo “menina” mostra um valor afetivo através da subjetividade do eu lírico, além de revelar que a imagem feminina do poema vive sob muita proteção. Devido a isso, não vivia em sua essência, sendo ela mesma, pois estava à mercê das vontades alheias e não as de si mesma.

O místico é exposto a partir do encontro pessoal entre Clara e o Eterno (Deus), em que Ele a toca e a transfigura, suscitando a ousadia, apresentada pela expressão “levantou-se”, para viver a sua essência, para ela ser quem era verdadeiramente, de modo a seguir a vida como ansiara a alma. As portas no poema podem simbolizar a decisão, sendo assim, quando o eu lírico fala que a personagem fecha as portas remete a escolha que ela fez a partir dessa passagem, possibilitando ao leitor uma conotação espiritual.

Ainda sobre o místico, o substantivo “lágrima” posto no poema simboliza uma forma de expressão a qual se refere à tristeza e fica em segundo plano, pois o que interessa para a personagem é seguir o caminho da humildade, mesmo em meio às dificuldades e desafios encontrados no itinerário da vida religiosa, como também simboliza a saudade do paraíso, todavia, ela vislumbra o caminho para o paraíso e a felicidade plena.

Notamos a subjetividade por meio da interferência que o eu lírico faz no poema e a, respeito do ideal defendido pela revista Festa, encontramos a presença de personagens bíblicos e da abordagem dos sentimentos relacionados à igreja católica.

Decerto, os recursos de versos livres, setessílabos, metáforas e tantos outros dão à poetisa a liberdade para debruçar-se sobre a sua sensibilidade e para expressar o seu eu, como afirma Fonteles (2010, p. 22), “Cecília sonda seu eu, desvela-o e perscruta-o”, sendo assim a escritora mostra o eu e ainda analisa, se expressando na poesia. De acordo com Gouvêa (2008, p. 164, grifo da autora) “[...] em Cecília leu o metro, assim como o recurso à rima, como procedimento de “liberdade”.”

Desse modo, a liberdade é apresentada pela maneira expressiva do sujeito lírico de Cecília Meireles. A autonomia da poetisa com relação aos recursos faz com que perpassse seus próprios limites e contribua para que ela transite entre variados movimentos da literatura, carregando nos poemas as particularidades de cada um deles e transmitindo na poesia os sentimentos, subjetividade e sensibilidade.

Essa “liberdade” que a escritora possui está relacionada à musicalidade, lirismo e a subjetividade na poesia, ainda mais por ela revelar a si mesma, que por consequência mantêm contato com o leitor concedendo independência que também se define pelo fato de não se privar a um determinado estilo poético ou a um movimento literário, enquanto muitos dos escritores ficam presos a uma estrutura poética e a um período da literatura.

### 3.3 Olhar de Cecília sobre o viver de clara

No poema seguinte o eu lírico aborda sobre o viver e a doação de vida feito pela personagem, bem como a incansável conquista da humildade. Assim, Cecília mostra de forma eminente o lirismo através da linguagem poética.

#### *Vida*

Do pano mais velho usava.  
Do pão mais velho comia.  
Num leito de vides secas,  
e de cilícios vestida,  
em travesseiro de pedra,  
seu curto sono dormia.  
Cada vez mais pobre  
tinha de ser sua vida,  
entre orações e trabalhos  
e milagres que fazia,  
a salvar a humanidade  
dolorida.  
Mãos no altar, a acender luzes,  
pés na pedra fria.  
Humilde, entre as companheiras;  
diante do mal, destemida,  
Irmã clara, em seu mosteiro,  
tênue vivia.<sup>12</sup>

O terceiro poema, intitulado *Vida* também se caracteriza por conter somente uma estrofe que, similarmente aos anteriores, abrange dezoito versos, sendo da mesma forma em versos livres, não rimando as palavras, no entanto, produzindo sonoridade por meio da repetição de vogais e consoantes IDA nos termos: “vestida”, “vida”, “dolorida” e “destemida” que encontramos no fim dos versos, idem IA, marcados nos vocábulos: “comia”, “dormia”, “fazia”, “fria” e “vivia”, também encontramos frequentemente o /v/ em: “velho”, “usava”, “vides”, “vestida”, “travesseiro”, “vez”, “vida” e “vivia”, do mesmo modo existe a repetição de termos como: “Do”, “velho” e “mais” nos versos um, dois e sete.

Encontramos mais uma vez o recurso do enjambement no verso doze e no último que se define por a ideia do verso ficar incompleta e continuar no verso seguinte. Além disso, o setessílabo também é recorrente nesse poema, assim como os demais traz a musicalidade poética, com relação ao uso do recurso dos parênteses

<sup>12</sup> MEIRELES, Cecília. Vida. In: \_\_\_\_ **Pequeno oratório de Santa clara, Romanceiro de Santa Cecília, Oratório de Santa Maria Egípcíaca**. São Paulo: Global, 2014, p. 41.

em *Vida* ele não é utilizado, diferentemente dos poemas anteriores que encontramos, não explicitando interferência do eu lírico na estruturação poética.

Logo, notamos o sujeito lírico fala em terceira pessoa, sendo definido pelos pronomes “seu” e “sua”, dessa maneira é abordado sobre o estilo de vida da personagem bíblica, Clara, permeada da modéstia em relação as coisas, a vida de oração e dos milagres por meio da exposição dos hábitos frequentes e ainda mostra aspectos de uma religiosidade em: “[...] Mãos no altar, a acender luzes,/ pés na pedra fria”. Em “Do pano mais velho usava./ Do pão mais velho comia” alude ao voto de pobreza feito por Clara, bem como “[...] Num leito de vides secas,/ e de cilícios vestida”, sendo assim o vocábulo “vides” simboliza os ramos da videira e no poema é retratado que o leito era feito dos ramos.

Refletindo ainda acerca dos hábitos da personagem Clara, o eu lírico discorre sobre a mortificação do corpo através de algumas atitudes presente nos versos como podemos notar: “[...] e de cilícios vestida,/ em travesseiro de pedra,/ seu curto sono dormia.” De tal modo a poetisa refere-se à singeleza e coragem da personagem em: “[...] Humilde, entre as companheiras;/ diante do mal destemida,” reforçando sobre a delicadeza com que levava a vida no mosteiro, apresentando nos dois últimos versos.

Assim sendo, o léxico *Vida* do latim “*Vita*” significa existência e vida, portanto o título remete a maneira que a figura bíblica vivia, que era uma vida de doação, desse modo a temática direcionada para o âmbito religioso contribui com a criação e ressignificação de imagens a partir de aspectos místicos e dos recursos de musicalidade na linguagem do poema. De acordo com Gouvêa<sup>13</sup>:

[...]Também as recorrências sonoras – rimas consoantes e assoantes, assonâncias e aliterações, anáforas e repetições paralelísticas –, os recursos musicais da linguagem, parecem funcionar aqui, antes de tudo, como um procedimento mnemônico, como instrumento de marcar compasso para trazer à tona elementos guardados nos estratos profundos da consciência, no imaginário e na memória, como que viabilizando a conexão com o eu profundo, onde afinal pode nascer o movimento lírico. (GOUVÊA, 2008, p. 137-138)

Assim sendo, o lirismo nasce por meio dos elementos sonoros da poesia que respalda as memórias e a imaginação, em que é característico da poesia ceciliana,

---

<sup>13</sup> GOUVÊA, Leila V. B. **Pensamento e “Lirismo Puro” na poesia de Cecília Meireles.** São Paulo: Edusp, 2008.

lançando o olhar que enxerga muito além, revelando-se através dela e contribuindo no despertar de emoções no leitor.

O Modernismo é apresentado pelo uso dos versos livres no poema e da linguagem simples. A musicalidade por meio dos recursos, bem como o misticismo que o eu lírico revela, através do contato da personagem com Deus, fazem parte do Simbolismo, já o Parnasianismo pode ser notado a partir das sete sílabas poéticas que constituem o poema.

O sujeito lírico mostra através da expressão “Do pano mais velho usava”, que a personagem buscava ser imagem de Deus, sendo referido como antigo, posto que Ele é o princípio de tudo. A humildade também é revelada a partir da imagem do pão mais velho como alimento, aludindo a virtude de espírito, na qual a figura bíblica procurou viver e que essa virtude sempre existiu, mas é preciso desenvolvê-la no cotidiano.

Quando o sujeito lírico fala sobre o leito de vides secas, podemos fazer alusão a passagem bíblica: “Eu sou a videira verdadeira e meu Pai o agricultor. Todo ramo que não dá fruto em mim, ele corta; Quem não permanecer em mim será lançado fora, como um ramo, e secará.” (Jo 15, 1-2a.6), então podemos compreender que a personagem está em meio a pessoas afastadas de Deus. Portanto notamos a marca de um ideal do grupo Festa, posto que se refere à tradição da igreja católica.

No poema, compreendemos o viver da personagem sempre em meio aos sacrifícios. Quando o poema conta que era vestida de cilícios, ainda nos mostra que ela ficava a refletir sobre suas imperfeições, todavia, procurava cada vez mais ser humilde, estar entre os pobres e excluídos oferecendo ajuda para a alma e para o físico dos necessitados.

No quinto e no sexto verso é exposta uma preocupação da figura bíblica com os mais necessitados, ocasionando um curto sono durante a noite. O eu lírico exterioriza a intensa missão de Clara que doa a própria vida em serviço e para salvar a humanidade dolorida, aludindo aos pobres que eram excluídos, como também os leprosos e doentes daquela época.

No sétimo e oitavo verso nos mostra que Clara procura pela humildade assim como Jesus foi humilde, pois era preciso ser um pouco do que Ele é. O poema nos revela ainda a elevação do espírito, contato com Deus, quando fala que a figura estava com as mãos no altar, apresentando o místico que caracteriza o Simbolismo.

A ideia de milagre, exposta no poema, pode ser vista como uma forma de demonstrar a santidade da figura bíblica e que ela fazia o uso do dom com o desejo de salvar a humanidade. Assim, buscava livrar e cuidar dos pobres, excluídos e leprosos que ficaram à margem da sociedade, devido o preconceito, e Clara tem a missão de estar com eles fazendo se sentirem amados e especiais.

Portanto, notamos que o poema traz marcas de diversos períodos literários, transitando entre um e outro, bem como mescla lirismo e subjetividade, contribuindo para fomentar o realce da poetisa Cecília, acerca de suas obras e do seu estilo de criação poética.

### 3.4 A luz inteior clareia

Neste quarto poema é retratado pelo sujeito lírico a transformação interior vivenciada pela figura bíblica, Clara, após o encontro com Francisco e ambos são simbolizados pela luz.

#### **Luz**

Por um santo que encontrara,  
há tanto tempo,  
alegremente deixara  
o mundo, de estranho enredo,  
para viver pobrezinha,  
no maior contentamento,  
longe de maldades,  
livre de rancor e medo,  
a vencer pecados,  
a servir enfermos...  
Já está morta. E é tão ditosa  
como quem sai de um degredo.  
O Papa Inocêncio IV  
põe-lhe o seu anel no dedo.  
Cardeais, abades, bispos  
fazem o mesmo.  
(Mais que as grandes joias, brilha  
seu nome, no tempo!)<sup>14</sup>

O poema acima, denominado *Luz*, em sua criação poética foi utilizado o mesmo recurso dos demais de estrofe única com dezoito versos, se constituindo de forma similar por meio de versos livres, mas que notamos o aparecimento da repetição das consoantes NT em “Por um santo que encontrara,/ há tanto tempo” do /d/, /b/, /p/ e /s/ no décimo quinto verso: “[...] Cardeais, abades, bispos”. Encontramos a repetição da vogal /e/ em: “[...] Alegremente deixara,/ o mundo, de estranho enredo,” e nos versos nove e dez: “[...] a vencer pecados,/ a servir enfermos” e ainda percebemos a repetição de EDO nos vocábulos: “enredo”, “medo”, “degredo” e “dedo”, todos esses elementos favorece na sonorização do poema.

Em vista disso, a musicalidade tal como nos demais é caracterizada pelas sete sílabas poéticas, bem como notamos a existência do enjambement no verso dezesseis e no último. Nesse poema, o uso do parêntese para dar ênfase e mostrar uma interferência do eu lírico, marcado pelo pronome “seu”, que é narrado também

<sup>14</sup> MEIRELES, Cecília. Luz. In: \_\_\_\_ **Pequeno oratório de Santa clara, Romanceiro de Santa Cecília, Oratório de Santa Maria Egípcíaca**. São Paulo: Global, 2014, p. 49.

em terceira pessoa. Através da interferência, o eu lírico se coloca no poema revelando suas emoções e sensações, despertando a sensibilidade da autora em forma de lirismo, como afirma Fonteles<sup>15</sup>:

Deixa-se assim a poetisa se presentificar na lírica gerada do mais profundo do seu ser. É o momento em que o poetar reitifica o poeta. O poeta passa então a ser o mediador entre o desabrochar do poema oculto e a audaz revelação de si mesmo, de sentimentos vividos ou não, por meio da transparência que ele busca alcançar. (FONTELES, 2010, p. 19-20)

Sendo assim, o sujeito lírico se revela no poema por meio da lírica que desperta os sentimentos, fazendo surgir o poema. Dessa maneira, em *Luz* é contado através da linguagem poética a respeito do encontro da personagem bíblica Clara com Francisco em que ela teve a vida transformada, pois se torna discípula dele, se decidindo por viver na simplicidade, bem como conta que ela brilha mesmo após a morte.

Nos primeiros versos: “Por um santo encontrara,/ há tanto tempo” faz alusão a Francisco, logo em seguida apresenta a escolha feita por Clara para ser uma religiosa, nos trechos: “alegremente deixara/ o mundo, de estranho enredo,/ para viver pobrezinha,” já nos versos sete e oito, o sujeito lírico faz referência ao espírito de bondade e candura da jovem Clara. No verso onze é apresentada a morte dela: “[...] Já está morta. E é tão ditosa”. No verso: “[...] como quem sai de um degredo.” Significa o período de sofrimento que enfrentou. O verso treze alude ao papa que visitou Clara um dia antes de sua morte, como também estavam os cardeais, abades e bispos para entregar a Regra, documento que define uma forma de viver no ministério religioso.

Nos últimos versos encontramos entre parênteses a interferência do sujeito lírico, um recurso utilizado para manter contato com o leitor, acrescentar informação sobre a personagem e ainda possui a utilidade de chamar atenção do leitor. Esses últimos versos também revela uma forma de louvor para destacar o brilho dela, mesmo com o perpassar do tempo.

Sendo assim, faz uma ligação com o título *Luz* que simboliza algo capaz de clarear, assim como remete a luz de espírito da jovem Clara. Esse léxico, luz, também se refere a Francisco, uma vez que era tratado por Clara como irmão sol, e Clara como

---

<sup>15</sup> FONTELES, Graça Roriz. **Cecília Meireles: lirismo e religiosidade**. São Paulo: Scortecci, 2010.

irmã lua, conforme afirma Fonteles (2010, p. 57) “A lua como um astro que não tem luz própria, simplesmente reflete a luz do sol.”, portanto o sol lança seus raios de luz, mostrando que ela foi tocada pela luz de Francisco, se tornando discípula dele e que passa a refletir essa luz, assim como a lua.

A decisão de fazer o voto de pobreza leva a personagem a viver a sua essência e realizar o anseio da alma. O eu lírico também apresenta um período de guerra e conflito na cidade de Assis, na Itália, lugar em que se passa a poesia, desse modo nos diz que Clara se desposou a pobreza para viver longe de maldades, rancor e medos.

O poema nos fala ainda sobre a luta pela santidade, uma batalha entre a personagem e o pecado para viver a imagem e semelhança de Deus, aspecto que alude ao ideal defendido pela revista Festa. Ainda nos revela a doação de vida em prol dos pobres e necessitados, sempre disponível a servi-los com dedicação.

Os últimos versos fazem uma comparação da figura bíblica com as grandes joias, visto que ela possui brilho mais do que as joias, devido as caridades e serviços realizados, sendo assim, esse livro *Pequeno oratório de Santa Clara* foi produzido em homenagem do sétimo centenário da morte da santa e expõe para o leitor que a personagem brilha e sempre estará presente na memória das pessoas, mesmo com o passar do tempo.

Também notamos fortemente a presença de traços místicos no poema através dos aspectos religiosos exibidos. O poema não apresenta explicitamente o nome das figuras bíblicas, todavia, a partir do que ele nos diz de forma narrada poeticamente, bem como devido a leitura dos demais, podemos notar que está relacionado a figura de Clara e Francisco.

Essa nova imagem do espiritual e da religiosidade criada nos poemas do livro *Pequeno oratório de Santa Clara* coopera na conservação da tradição que o grupo da revista *Festa* buscava, retorna o Parnasiano por meio da aliteração presente no poema, o Modernismo pelo uso dos versos livres e do Simbolismo na musicalidade.

Logo, o poema possui um tom de narrativa, pois conta uma história em verso de forma linear, traz personagens e ainda notamos que cada poema constitui uma parte dessa história em versos, desse modo, quando se atribui à Cecília Meireles a nomeação de uma das maiores escritoras e poetisas da língua portuguesa, não é em vão, visto que suas obras são sublimes pela diversidade de elementos.

### 3.5 A glória no divino paraíso

Neste poema Cecília Meireles aborda sobre a Glória, desse modo a voz lírica mostra a perfeita alegria dos personagens bíblicos Clara e Francisco por participarem do divino Paraíso após a morte.

#### **Glória**

Já seus olhos se fecharam.  
E agora rezam-lhe ofícios.  
(Tecem-lhe os anjos grinaldas,  
no divino Paraíso.  
“Pomba argêntea!” – cantam.  
“Estrela claríssima!”)  
– Irmã Clara, humilde foste,  
muito além do que é preciso!...  
– O caminho me ensinaste:  
o que fiz foi vir contigo...  
(Assim conversam gloriosos,  
Santa Clara e São Francisco.  
Cantam os anjos alegres:  
Vede o seu sorriso!)  
Que assim partem deste mundo  
os santos, com seus serviços.  
Entre os humanos tormentos,  
são exemplos e aviso,  
pois estamos tão cercados  
de ciladas e inimigos!  
“Santa! Santa! Santa Clara!”  
os anjos cantam.

(*E aqui com Deus finalizo.*)<sup>16</sup>

O último poema analisado, *Glória*, contém a mesma estrutura com apenas uma estrofe, todavia, há uma pequena diferença na quantidade dos versos em que os demais possuem dezoito e neste passa a ter vinte e dois versos e mais um verso separado no final. O poema detém do recurso da aliteração do /s/ no fim dos últimos termos de cada verso, nos vocábulos: “ofícios”, “grinaldas”, “gloriosos”, “alegres”, “serviços”, “tormentos”, “cercados” e “inimigos”. Do mesmo modo encontramos marca da vogal /a/ nos termos do verso cinco: “Pomba argêntea!” – cantam.” Idem nos últimos versos: “Santa! Santa! Santa Clara!”/ os anjos cantam.”.

<sup>16</sup> MEIRELES, Cecília. Glória. In: \_\_\_\_ **Pequeno oratório de Santa clara, Romanceiro de Santa Cecília, Oratório de Santa Maria Egípcíaca**. São Paulo: Global, 2014, p. 51.

Sendo assim, as repetições das consoantes, aliteração, possibilita o efeito sonoro e reforça o que o eu lírico está transmitindo, o cantar dos anjos. Portanto, encontramos a aliteração do NT nos vocábulos também são encontradas: “argêntea”, “cantam”, “contigo”, “santa”, “santos”, “entre” e “tormentos”, do mesmo modo ocorre o ST: “estrela”, “foste”, “ensinaste”, “deste” e “estamos”.

São esses recursos utilizados de forma intercaladas ou próximas que favorecem a harmonia, ritmo e sonorização da poesia, pois eles são percebidos na leitura e pela contemplação da estrutura que o leitor faz, despertando sensações auditivas e visuais. Das sensações visuais, tratamos do aparecimento de parênteses do verso três aos seis, nos versos do onze ao quatorze e o último isolado que surge como um destaque.

Nesse poema, observamos a existência de um diálogo entre os personagens bíblicos Clara e Francisco do verso sete aos dez, no qual eles conversam acerca da virtude da humildade em que um foi exemplo para o outro e guia em mostrar o caminho a ser seguido, essa alternância de vozes além de possibilitar um envolvimento do leitor com o poema, também busca causar sensações visuais e assim o verso isolado, de modo similar, favorece esse aspecto, como também tem a funcionalidade de dialogar com o leitor. Notamos ainda que o léxico “Paraíso” no quarto verso está grifado com letra maiúscula, se referindo a algo grandioso, o próprio céu, a morada celeste.

Em *Glória* nos é apresentado um *leitmotiv* relacionado à morte, assim como foi expresso anteriormente, por ser um tema muito abordado por Cecília Meireles em seus poemas e narrativas, no entanto, nesse poema não é tratado pelo viés da tristeza e melancolia, e sim pelo viés da alegria e esperança. Nos primeiros versos a autora utiliza uma linguagem que abranda o sentido da morte no seguinte trecho: “Já seus olhos se fecharam./ E agora rezam-lhe ofícios.” Idem mostra costumes religiosos da época.

Entre os parênteses constatamos uma linguagem a partir da analogia em que o eu lírico narra que os anjos cantam e na canção compara Clara com uma “pomba argêntea”, ou seja, simboliza um pássaro brilhante como a prata, e esse brilho emana da singeleza de espírito da jovem, ainda assemelha a uma “estrela claríssima”, uma estrela que possui o brilho mais intenso do que as outras, significando algo muito resplandecente.

Nos versos seguintes: “– Irmã Clara, humilde foste,/ muito além do que é preciso!.../– O caminho me ensinaste:/ o que fiz foi vir contigo...” aqui se constrói um

diálogo como forma de enriquecer ainda mais o poema e percebemos nessa conversa que o eu lírico coloca a fala da figura de Francisco a respeito do valor espiritual e a resposta da personagem Clara é que apenas seguiu ele como exemplo de vida.

Nos trechos, conforme: “(Assim conversam gloriosos,/ Santa Clara e São Francisco./ Cantam os anjos alegres:/ Vede o seu sorriso!)” afirma sobre o diálogo e mais uma vez a figura dos seres celestiais é retratada, desse modo eles são parte dos traços místicos, uma vez que retrata idiosincrasias religiosas. A ideia da morte é retomada apresentando um sentimento de alegria e esperança, pois o eu lírico narra que as figuras dos santos já participam do divino paraíso e serão exemplos de vida nos versos seguintes: “Que assim partem deste mundo/ os santos, com seus serviços./ Entre os humanos tormentos,/ são exemplos e aviso,”.

O poema revela a bem-aventurança dos personagens bíblicos, Clara e Francisco, em perfeita alegria, uma vez que se encontram gloriosos no Paraíso pelos serviços e pela vivência da virtude de espírito, atribuindo a eles o ofício de exemplos e o louvor.

Do verso dezessete ao vinte, o sujeito lírico refere-se às maldades humanas e espirituais existentes, ainda nos últimos versos encontramos novamente a figura dos anjos que cantam em louvor a santa Clara, sendo assim, o título *Glória* faz menção à honra pelas virtudes e boas ações dela, bem como pela beatitude do céu alcançada. Já o último verso separado: “(E aqui com Deus finalizo.)” alude ao término da narração poética, como também apresenta o eu lírico pela marca do verbo “finalizo” possibilitando, assim, um diálogo com o leitor.

Desse modo é através do lirismo que o sujeito lírico se revela dentro da poesia e ainda nos mostra parte do espiritual da autora na subjetividade. Esse último verso também se relaciona à conclusão do ciclo de vida de Santa Clara que, em Deus, alcançou a graça da salvação e conquistou o lugar no Paraíso.

O último verso por estar isolado e apresentar uma interferência direta do eu lírico expressa uma ligação com a literatura oral e os contos populares, posto que as histórias são contadas em voz alta a um público e se faz o uso frequente da redondilha maior, como recurso da musicalidade com o objetivo de tornar mais fácil a memorização e o contato com o ouvinte, além de provocar emoções, e nesse modelo de similaridade com as histórias populares que é construído os poemas do *Pequeno oratório de Santa Clara* e ainda pelo fato de ser usado nos cordéis uma fala enfatizando o término da história, assim como percebemos nesse poema *Glória*.

O título do livro, *Pequeno oratório de Santa Clara*, concede uma linguagem imagética, pois compreendemos por oratório um pequeno local ou casa que a personagem fazia suas orações e ainda um estilo musical em que é cantada a história de vida de Clara, naturalmente, obtemos mais de uma significação.

Então, a liberdade na construção da poética que Cecília possui é notada à medida que realizamos a leitura e a análise, uma vez que utiliza no poema uma linguagem tanto de sentido denotativo quanto conotativo, bem como encontramos uma mescla de variadas idiosincrasias referente a períodos literários díspares, como também por retornar a características dos cordéis na literatura oral pela presença dos versos de sete sílabas, além de seu caráter narrativo que amalgama personagens, tempo e enredo em vozes líricas.

#### 4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como observamos, a literatura se constitui através da linguagem escrita ou falada, tanto em prosa quanto em versos e que se faz com influência do meio social, no qual os escritores estão inseridos e pelo período vivenciado, sendo assim a poesia busca manifestar os sentimentos e pensamentos em forma de versos.

Desse modo, como analisamos o período modernista em que Cecília Meireles fez parte, era um período muito conturbado, de manifestações, inquietações e radicalidade na literatura brasileira, no qual muitas mudanças estavam ocorrendo na poesia e na prosa com relação também as fórmulas e formas literárias, devido a tudo isso grupos ideológicos surgiram como forma de defender seus ideais acerca da literatura, sendo o grupo de revista *Festa* relacionado ao espiritual com intuito de conservar aspectos da tradição cristã e que a poetisa teve uma participação efetiva nesse grupo.

Assim, a produção de Cecília Meireles perpassa vários âmbitos na literatura desde a narração à poesia, com obras direcionadas a categorias do infantojuvenil ao mais adulto e com temáticas acerca da solidão, morte, efemeridade das coisas entre outros. Ao longo dos estudos podemos analisar que a escritora apesar de ter vivido no período modernista ela não atribuiu características dessa época a sua poesia, uma vez que era autêntica em sua criação de forma singular e atemporal, pois não se prendeu a nenhuma estética específica.

Além disso, na produção poética ceciliana o lirismo se constitui com intensidade, devido à imersão do eu lírico na sensibilidade, no qual utiliza a criação poética com relação as coisas, momentos e pessoas, sendo assim, a cada poema a autora revela a si própria através do lirismo e subjetividade que compõe suas produções.

Outrossim, o livro *Pequeno oratório de Santa Clara* ressignifica esses elementos que são inerentes a poetisa, uma vez que nessa obra encontramos marcas desse lirismo e do viés espiritual que o grupo *Festa* buscava abordar e que mesmo pela revista não ter contribuído com o movimento modernista, todavia, foi relevante para a produção da autora, já que influenciou em parte nas temáticas desenvolvidas, bem como características de uma poesia que envolve o leitor na obra, devido os recursos de sonorização e musicalidade que provocam sensações auditivas e visuais.

Em vista disso, percebemos que os poemas analisados são repletos de musicalidade e recursos capazes de possibilitar o diálogo do eu lírico com o leitor, sendo uma obra que aborda um fato histórico, assim como em *Romanceiro da Inconfidência*, no entanto, em *Pequeno oratório de Santa Clara* expõe um tema de fato histórico voltado para o religioso através de um eu poético que enaltece as figuras bíblicas, pois utiliza uma linguagem com objetivo de encantar o leitor, ainda notamos a marca de elementos da literatura portuguesa por meio de alguns léxicos, funcionando como uma maneira de aproximar o leitor da história contada ou para facilitar que o imaginário seja transportado até a época dos personagens.

Os títulos dos poemas analisados, *Eco, Clara, Vida, Luz e Glória* possuem uma ligação entre si, uma vez que o Eco da humildade de Francisco chega até Clara que é transformada e encorajada a viver o voto de pobreza, doando sua Vida a serviço dos pobres e a fazer caridades, conseqüentemente ela se torna Luz mais brilhante que as grandes joias, pois encontra o seu destino no divino Paraíso (céu) e Glória simboliza a honra dada as figuras de Francisco e Clara pelo exemplo de vida de cada um.

Dessa forma, são esses traços e o modo singular de fazer e ser poesia de Cecília Meireles que a fez conquistar um espaço dentro da literatura, desse modo a poesia possibilita ao leitor adentrar em um universo colocando-o em contato com o autor e com o que está sendo exposta, através da sensibilidade, subjetividade e lirismo.

## REFERÊNCIAS

- ARAÚJO, Cláudia Beatriz Carneiro. Linguagem-estudos e pesquisas. **Revista do Departamento de Letras do Campus Catalão- UFG**, v.15, n.1, p. 97- 109, 2010.
- ÁVILA, Affonso. **O Modernismo**. 3.ed. São Paulo: Perspectiva, 2013.
- BACCEGA, Maria Aparecida. Cecília Meireles. **Revista Comunicação & educação**, n.1, São Paulo, p. 113- 118, jan./abr., 2006.
- BÍBLIA. Português. **Bíblia Sagrada**. Antigo e Novo testamentos. Trad. Da CNBB. São Paulo: CNBB, 2012. p. 1571.
- BOSI, Alfredo. Em torno da poesia de Cecília Meireles. In: GOUVÊA, Leila V. B. (Org.). **Ensaio sobre Cecília Meireles**. São Paulo: Humanitas/FAPESP, 2007.
- BOSI, Alfredo. Pré-modernismo e Modernismo. In: \_\_\_\_\_. **História concisa da literatura brasileira**. São Paulo: Cultrix, 1987.
- CANDIDO, Antonio. **Literatura e sociedade**. 9.ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre azul, 2006.
- CANDIDO, Antonio. **O estudo analítico do poema**. 5.ed. São Paulo: Humanitas, 2006.
- CHAVES, Rita de Cássia Natal. **As escolas literárias**. São Paulo: Ática, 1988.
- COELHO, Nelly Novaes. Cecília Meireles: Vida e obra. **Revista CESP**, v.21 n.28, São Paulo, p.11-17, jan./ dez., 2001.
- FONTELES, Graça Roriz. **Cecília Meireles: lirismo e religiosidade**. São Paulo: Scortecci, 2010.
- GOUVÊA, Leila V. B. **Pensamento e “Lirismo Puro” na poesia de Cecília Meireles**. São Paulo: Edusp, 2008.
- GOTLIB, Nádya Battella. Cecília Meireles: A construção do auto-retrato. In: GOUVÊA, Leila V. B. (Org.). **Ensaio sobre Cecília Meireles**. São Paulo: Humanitas/FAPESP, 2007.
- MEIRELES, Cecília. **Pequeno oratório de Santa clara, Romanceiro de Santa Cecília, Oratório de Santa Maria Egípcia**. 1.ed. São Paulo: Global, 2014.
- MEIRELES, Cecília. **Antologia Poética**. 3.ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.
- MORICONI, Italo. **Como e por que ler a poesia brasileira do século XX**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2002.

OLIVEIRA, Ana Maria Domingues de. Diálogo com a tradição Portuguesa. In: GOUVÊA, Leila V. B. (Org.). **Ensaio sobre Cecília Meireles**. São Paulo: Humanitas/FAPESP, 2007.

PERRONE-MOISÉS, Leyla. A literatura como herança. In: \_\_\_\_\_. **Mutações da literatura no século XXI**. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.

PINHEIRO, Hélder. **Poesia na sala de aula**. 1ª edição. São Paulo: Parábola, 2018.

SADLER, Darlene J. ABC de Cecília Meireles. In: GOUVÊA, Leila V. B. (Org.). **Ensaio sobre Cecília Meireles**. São Paulo: Humanitas/FAPESP, 2007.